

Resoluções III Congresso Nacional

Compostela, 17 de Janeiro de 2009

tempo de crise **tempo de luta**

juventude galega construindo a alternativa socialista



briga



Resoluções congressuais



Tempo de crise, tempo de luta
Juventude galega organizando a alternativa socialista
Resoluçons do III Congreso Nacional

Colecçom
Resoluçons congressuais nº 3

Data de impressom: Janeiro de 2009
Tiragem: 200 exemplares

www.briga-galiza.org
nacional@briga-galiza.org

Resoluções do III Congresso Nacional de BRIGA

TEMPO DE CRISE, TEMPO DE LUITA

Juventude galega construindo a alternativa socialista

ÍNDICE

I.- CAPITALISMO EM CRISE	7
1.- Introdução	7
2.- Alguns precedentes. Chaves para entender o que acontece	8
3.- Crescimento económico para quem?	11
4.- Confluência de crises e debacle do sistema	14
4.1.- Crise energética	
4.2.- Crise alimentar	
4.3.- Crise tecnológica	
4.4.- Crise militar	
4.5.- A crise financeira	
4.6.- Breve explicação da explosão da bolha financeira	
4.7.- Está crise também é crise da própria civilização patriarcal-burguesa: os EUA	
5.- O Estado burguês, eterno protector da exploração capitalista	20
6.- A actual crise. Gestaçom e explosom	21
7.- Repercussom da crise estrutural	22
7.1.- A crise no Estado espanhol	
7.2.- Impacto na Galiza	
7.3.- As conseqüências para a juventude	
7.4.- A resposta institucional à crise	
8.- O quê fazer? A alternativa d@s jovens revolucionári@s	30
9.- Tabela reivindicativa	32
II. INTERNACIONALISTAS, AQUI E AGORA	
1.- O que é o internacionalismo?	37
2.- Internacionalismo e diversidade	38
3.- Que internacionalismo? Ou, internacionalismo para que?	39
4.- Internacionalistas, aqui e agora. Precedentes e actualidade	40
RESOLUÇÕES III CONGRESSO NACIONAL	43
SAUDAÇÕES AO III CONGRESSO NACIONAL	47
DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO III CONGRESSO NACIONAL	55

Primeira parte

Capitalismo em crise

1.- Introdução

Já ninguém nega a gravidade do que está a acontecer. Entre os gestores do sistema tem-se instalado o pânico e o habitual desinteresse generalizado com o que umha boa parte da população contempla os *assuntos dos poderosos* vai rachando ante a enorme transcendência histórica e social da actual crise do capitalismo

Para compreender o que nos acontece, por quê nom encontramos trabalho, por quê a carreira que estudamos durante anos conduz irremisivelmente ao paro, por quê protestava a mani de ontem, por quê o que suceda num edifício da bolsa ao outro lado do oceano me afecta tanto, por quê faga o que faga nom acabo de sentir-me bem, como se houvesse cousas que se me escapassem... Por quê o único que quero é sair a fim-de-semana e passá-lo bem... ou antes esquecer-me durante umhas horas de todo o que aconteceu durante a semana. Todos estes interrogantes tenhem fácil resposta: vivemos num mundo essencialmente injusto que a maioria da população nom compreende, mas cuja essência é intuída, especialmente pola juventude. Um lugar no que existem umhas poucas liberdades centradas no consumo, e que se apresenta como a soluçom menos má, mas a única possível, um mundo no que se supom deverias ser capaz de obter a felicidade tal e como no-la pintam, é dizer, um trabalho, umha família e um carro. Entom há que explicar por quê a grande maioria da população nom é, nem por assomo, feliz.

Hoje é mais evidente do que nunca o empioramento das condições de vida do conjunto da classe trabalhadora. As ameaças sobre a classe operária constituem a resposta do Capital à sucessom de novos indicadores de baixa nos benefícios empresariais, de queda no consumo pola perda de poder aquisitivo, de vazio líquido por trás da bolha financeira, de créditos sem possibilidade de reembolso ou o que é o mesmo, a resposta da burguesia a umha das maiores crises que padeceu o sistema capitalista nas últimas décadas.

A crise do capitalismo, a mesma que se tencionou ocultar com a manipulação de dados oficiais e estatísticas institucionais, a mesma crise que galopou infrutuosamente no silêncio mediático durante meses para amanhar a ferida antes que sangrasse e que foi irresponsavelmente engordada pelas entidades reguladoras que ocultárom a verdadeira magnitude da catástrofe, vai sempre um passo por diante do conhecimento que temos dela. O que no verao de 2007 era umha crise creditícia, um tremor identificado e limitado, converteu-se numha crise global de enormes dimensons que tem provocado o pânico na mesma cúspide dos gestores do sistema, que mesmo pretendem, numha mistura de oportunismo e ingenuidade, "refundar" o capitalismo.

Agora que é de público reconhecimento a existência dum problema de solvência, quando o capital financeiro -principal motor da economia no capitalismo senil- deve

salvar as suas astronómicas ganâncias especulativas com o dinheiro público para nom cair polo precipício, a nossa tarefa fundamental é anteciparmo-nos criticamente e reconhecermos a crise como estrutural.

A juventude revolucionária deve procurar umha saída em chave socialista, independentista e antipatriarcal, que nos situe como vanguarda da luta teórico-prática sem aguardarmos de braços cruzados a que a crise torne caos, e a que sejam os poderosos e os sindicatos vendidos quem, com a sua informação sesgada e retardada, com o seu conformismo interclassista, nos surpreendam a contra-pé.

A mocidade trabalhadora galega conta com ferramentas práticas que há que continuar a desenvolver com um maior e mais intenso crescimento organizativo. Graças ao compromisso militante que, em definitivo, é o que perfila o sujeito insurgente da sociedade e é o que fornece a actualidade do nosso discurso em base a um conflito diário percebido conscientemente, reconhecido, assumido e analisado em colectivo. A Revolução fam-na @s revolucionári@s. Quem a diário tomamos consciência em espaços de debate e açom da importância de trasladar às ruas, às aulas, aos centros de lazer e de trabalho a conservação real e prática da tradição revolucionária. Nom valem de nada as limitações academicistas, contemplativas e covardes, ou projectos auto-liquidados e encerrados em si próprios e nos seus traumas.

É urgente dotarmo-nos dum discurso teórico amparado nas chaves marxistas de conhecimento do desenvolvimento actualizado do confronto de classes numha naçom oprimida como a nossa, para bater com eficácia nom apenas sobre os "erros actuais" dos capitalistas, mas principalmente sobre as injustiças existentes no processo de gestaçom dessa "crise actual" e das injustiças exponencializadas que surgem como consequência da proposiçom de solventá-lo desde a mantençom da estrutura da lógica patriarcal-burguesa, o cancro originário. Só assim poderemos contribuir desde a Galiza para ultrapassarmos quanto antes, de maos dadas com o resto dos Povos do mundo, a própria civilização sustentada nos esteios do roubo da maisvalia pola propriedade privada dos meios de produçom e a invisibilizaçom do papel da mulher na produçom da referida maisvalia.

2.- Alguns precedentes. Chaves para entender o que acontece

Existe umha tendência mais ou menos manifesta a tomar qualquer facto da realidade que nos rodeia como umha repetiçom dum fenómeno anterior. O capitalismo, dentro do seu aparelho de propaganda ideológica impulsiona umha interpretaçom da realidade na que nom há espaço para o novo, para a diferença, para os elementos nobres. Interpretaçoms truculentas como as da fim da história, ou análises pré-fabricadas que anunciam que "nom há nada novo baixo o sol", agocham o seu interesse capital porque assumamos a permanência do sistema vigorante como o único possível, a exploraçom humana como condiçom inevitável e a luta pola sua superaçom como estéril.

Aparentemente poderíamos incluir nesta falsa eternidade as teorias dos ciclos económicos do capitalismo, de diferente duraçom (duns poucos anos como o ciclo Kitchin ou Juglar até os mais longos como o Kondratieff ou a tendência secular). Mália serem estes estudos parciais e eurocêtricos por só se referir às sociedades do capitalismo industrializado de Europa e Norteamérica nos séculos XIX e XX, nom deixam de mostrar umha periodicidade real nas flutuaçoms económicas capitalistas, entre as que podemos distinguir numha escala temporal curta os seguintes momentos: expansom, crise, depressom e recuperaçom.

É entom que podemos dizer que todas as crises económicas som cíclicas, e polo tanto a actual situação está “dentro do normal”? Nom.

As crises cíclicas produzem-se cada certo tempo e com relativa regularidade, e mália serem consubstanciáis ao sistema, só precisam de ajustes parciais para serem superadas. Frente a elas, están as crises estruturais, que fam retumbar o cimentos do prédio capitalista, originadas polas contradicións intrínsecas do próprio sistema e que para serem superadas precisam dumha mudança do regime financeiro e de exploraçom da força social. Estamos a viver e a sofrer este último caso na actualidade.

Em contra do que os apoletas do Capital apregoam, as tendências cíclicas, longe de justificar a permanência do sistema, dam-nos pistas para entender o seu funcionamento, a sua impossibilidade de oferecer qualquer saída possível. Um modo de produçom predador, violento, destrutivo, imperialista e sobretudo linhal nom pode perpetuar-se. O sistema polo qual se produz neste planeta basea-se numha cadeia que vai da extracçom dos materiais ao descarte do produto. É lógica, matemática, e realmente impossível pôr a funcionar indefinidamente um sistema linhal, que nom se retroalimenta, num planeta finito.

A expansom do capitalismo até englobar todo o sistema-mundo no seu interior após a queda da URSS, levou ao topo o sistema de exploraçom e saque de recursos a nível mundial, por cuja hegemonia pelejam com unhas e dentes os diferentes blocos da classe dominante. Conseqüência disto é também a situação de crise permanente na que vive o capitalismo a escala global, em expansom militar e explorativa contínua para assegurar a manutençom da taxa de ganho. Para nós, que vivemos no centro capitalista ainda que seja na sua periferia e sofremos umha exploraçom comparativamente atenuada, pode resultar relativamente menos evidente, mas os miles de milhons de seres humanos que vem a sua vida convertida num inferno em África, América Latina e o Caribe ou Ásia som a demonstraçom empírica, viva e sangrante de que isto é assim. Guerras com interesses geo-estratégicos, neocoloniais e de controlo de recursos como a invasom do Iraque, o submetimento dos povos ocupados com a sua soberania negada ou a exploraçom da metade da força de trabalho mundial -as mulheres- polos homes, respondem unica e exclusivamente à necessidade ineludível do sistema de perpetuar os privilégios duns poucos a cámbio da destruiçom ecológica do planeta e da condena à misséria da maioria da humanidade.

Ao mesmo tempo, a obsessom por manter o cerne do sistema intacto, desenvolveu novas formas de especulaçom que reportárom ganhos económicos nunca sonhados até as últimas décadas. Foi o caso da abertura das bolsas de valores, a primeira das quais data de 1602, fundada em Amsterdam por um dos agentes do imperialismo holandês do século XVII, a *Companhia das Índias Orientais*, que passaria à história como o braço executor da mafiosa burguesia europeia no leste asiático. Foi a primeira em negociar com activos financeiros, e sentaria o início dum novo mercado, o de valores, que acabaria conquistando umha importância decisiva na economia capitalista mundial. A grande novidade introduzida polos protocapitalistas dessa época foi dividir as empresas, os médios de produçom, em partes ideais com valor próprio no mercado financeiro, criando umha economia virtual que cada vez foi ganhando umha influência maior na real, na física, na que podemos tocar.

A isto se deve que na história posterior, a hegemonia no sistema-mundo conquistada primeiro por Inglaterra no século XIX e logo polos EUA no XX, viria da mao dumha hegemonia financeira, que tivo o seu núcleo reitor primeiro na bolsa de Londres a partir de 1801, e mais tarde e até a actualidade na de Nova Iorque. Ao longo desse tempo, o mercado de valores funcionou como o mercado ideal sonhado pola burguesia durante

séculos, especialmente a partir dos avanços na electrónica e telecomunicação que permitiram a actualização quase instantânea de preços e informação, e sobretudo o movimento constante de capitais sem limites horários, fronteirizos ou físicos de nenhum tipo.

Ao mesmo tempo que este mercado de valores começava a regir as economias reais dos estados capitalistas, as diferentes empresas que iam saindo a bolsa iniciáram um processo de concentração em grandes grupos empresariais dos mesmos sectores económicos, é dizer, reproduziu-se neste espaço virtual a lei de concentração do capital que já se dava na realidade; criando-se mastodónticos *holdings* (empresas que controlam as actividades doutras fazendo-se com a maioria das suas acções) que passáram a ser os grandes ditadores na sombra do capitalismo europeu e americano, os *lobbies* monopolistas burgueses que movem os fios das marionetes nas democracias burguesas e marcam os grandes traços da política mundial.

Mas este processo nom está isento de contradições, como as diferentes fases que anteriormente citamos demonstram. A actual crise, que estourou definitivamente em Wall Street em Setembro de 2008, tem umhas origens cuja antecedência imediata podemos encontrá-la, salvando as distâncias, no crack bursátil de 1929.

Após a sua participação na I Guerra Mundial, os EUA vivêrom um período de crescimento económico só interrompido por crises cíclicas que eram resolvidas pola Reserva Federal sem maiores contratempes. O 24 de Outubro de 1929 produz-se a queda imparável no mercado de valores. Esse dia seria conhecido mundialmente como a “Quinta-feira Negra”, e supujo o tiro de saída dum dos maiores pessadelos da burguesia mundial. Mas o pior ainda estava por chegar. A recessom económica, mália ser grave, nom acendeu todas as luzes de alarma da burguesia até um ano depois, quando umha série de bancarrotas provocárom umha onda de medo na população que correu a retirar os fundos para convertê-los em cartos em efectivo. Mas a maioria nom chegou a tempo. No mês de Dezembro fechárom mais de 352 bancos, e ao ano, em 1931, o Estado inglês abandona o patrom ouro para a libra esterlina, que até fazia bem pouco ostentava o privilégio de ser a moeda de pago internacional. O sistema reage dous anos depois do início da crise, subindo os tipos de interesse até o seu máximo histórico, feche maciço de empresas, despedimentos em massa, redução da produção e desapareçom de miles de bancos em processos de quebra, fussom ou liquidação. Resultado, enormes massas de camponeses e obreir@s fôrom deitados na mais absoluta misséria.

Foi aqui quando entrou em jogo a posiçom hegemónica dos EUA, e onde desempenhárom um papel privilegiado as relaçons de dependência financeira do resto do centro capitalista respeito dos bancos e empresas estadounidenses, vendo-se a maior parte delas arrastadas à crise. É importante reparar em que esta generalização da crise iniciada no centro deu-se num mundo com enormes diferenças com o de hoje, no que as relaçons de dependência económica eram infinitamente menores do que as provocadas pola globalização na actualidade.

Depois desta Grande Depressom, o mundo capitalista só sofreu duas mudanças mais de regimem financeiro, separadas ambas polo corte da crise petroleira de 1973. Neste ano, os países da OPEP acordam um embargo de petróleo a aqueles estados que apoiaram a Israel na guerra do Yom Kippur, o que levou a um alçamento dos preços do cru e carburantes derivados que abanárom a estabilidade económica capitalista até bem entrada a década de oitenta.

Mas voltando às duas grandes etapas de regimem financeiro que esta crise separou, a primeira destas mudanças cenificou-se nos acordos internacionais de Bretton Woods

e em grande medida se viu influenciada pelo acontecido no 29. Caracterizou-se pelo keynesianismo, é dizer, a intervençom estatal na economia até certo ponto, sempre em chaves capitalistas e permitindo o movimento de capitais em várias economias, mas disciplinando-o com umha série de limites assumidos a reganhadentes pola burguesia, aterrada ante a possibilidade de que o movimento obreiro pudera empregar umha nova crise como trampolim para umha revoluçom socialista.

A partir de 1975, chefiada polos mandatos de Reagan na Casa Branca e Margaret Thatcher em Inglaterra, inicia-se umha nova etapa conhecida como neoliberalismo, no que se aceita a intervençom do estado apenas para a gestom de bens públicos que tinham umha rendabilidade baixa tal e como estavam concebidos naquela altura. Para estruturar e reforçar a competitividade, as democracias burguesas privilegiárom abertamente os interesses privados seguindo como principal parâmetro para julgar o sucesso dos negócios o valor do accionista no mercado de valores, numha economia completamente aberta aos mercados mundiais; sem barreiras “artificiais” entre os preços de mercado estatais e os mundiais, tais como impostos e subsídios às indústrias próprias.

Para elo foi necessária umha re-estruturaçom das legislaçoms dos estados capitalistas, cujas numerosas modificaçoms foram feitas para atingir esses princípios, subsidiando corporaçoms, privatizando os serviços públicos como o transporte, a educaçom e a sanidade num novo delírio de enriquecimento irreflexivo e criminal. E dizemos criminal porque a actual crise nom é mais do que um fruto da mesma máxima repetida como um mantra polos capitalistas que nos anos vinte confiavam na alça eterna dos valores bursáteis, e dos que em 2007 fechárom os olhos a todos os indicadores que anunciavam umha crise estrutural como ainda nom se experimentou na história recente da humanidade. A máxima do saque e do espólio, e atingir o máximo lucro seja como for, por cima de quem se interponha, e tenha as conseqüências que tenha.

3.- Crescimento económico para quem?

Desde a *crise do petróleo* em 1973 e até a actualidade, a tendência geral do centro capitalista foi à alça. O crescimento económico debuxou umha linha ascendente, sempre empregando “crescimento” no falso sentido que empregam os altofalantes do regimem neoliberal para referir-se ao enriquecimento bilhonário dum punhado de pessoas à costa da classe trabalhadora. Porque contradizendo a mensagem com a que se tenta adoutrinar às massas exploradas, esse acrescentamento da riqueza nom é nem colectivo, nem redundante na maior parte da populaçom. Quem foi entom que se enriqueceu durante este período do chamado neoliberalismo?

A revista *Forbes* publicava em Março de 2008 que os 10 multimilionários mais ricos do planeta acumulavam 426.000 milhons de dólares USA, é dizer, mais de quatro vezes do gasto mundial para países “em vias desenvolvimento” em 2007 (104.000 milhons de dólares). Nesta listagem dos máximos espoliadores e monopolistas o 42% tinham nacionalidade estadounidense, os quais reuniam também o 37% da riqueza total.

Isto significa que exceptuando crises conjunturais como as de começos da década de 90, provocadas pola implossom da URSS, a queda do Muro de Berlim, a reunificaçom alemana ou a primeira invasom ianque no Iraque, a taxa de ganho das burguesias mundiais acrescentou-se exponencialmente durante a fase neoliberal.

Para lográ-lo foi imprescindível um avanço qualitativo da ofensiva burguesa, com o objectivo de destruir os direitos atingidos pola classe trabalhadora em século e

médio de luta operária. A ocasião foi perfeita no momento no que o bloco capitalista se alçava com a vitória após a Guerra Fria, o que permitiu que o capitalismo entrasse a ferro e lume nos países ex-soviéticos, onde @s obreir@s, desconfiad@s por décadas de deturpado socialismo estalinista, nom fôrom quem de opôr-se à instauraçom dum capitalismo abertamente mafioso e terrorista, cujo macabro paradigma é a Rússia actual.

Dentro desta ofensiva podemos inserir projectos europeios como o Plano Bolonha, a Directiva Bolkenstein ou a recentemente retirada jornada de 65 horas semanais. Apesar de que os dous últimos nom fôrom aplicados oficialmente -em especial o acrescentamento oficial da jornada laboral, o que podia provocar no actual contexto de crise umha explossom social que até a direita fascista teme- o cerne da reforma vai avante igualmente, quando nom leva funcionando na ilegalidade já vários anos.

O sistema burguês de exploraçom fai cumprir ou ignora a sua própria legislaçom em funçom das necessidades e o âmbito do que falemos. Assim, as leis antiterroristas som implementadas até a última vírgula, enquanto as laborais ou medioambientais som sistematicamente incumpridas em maior ou menor medida, já que normalmente as duas últimas som concessons arrancadas a base de pressom social, mobilizaçom e luta operária.

A totalidade destas directivas, projectos, planos e leis som cozinhadas nas caves da burocracia europeia, tentando evitar o conhecimento generalizado das novas reformas para poder implantá-las sem rupturas preocupantes da *pax social*. Mas quando isto nom é possível, o sistema de propaganda europeio recorre à mentira, à manipulaçom e aos seus médios de comunicaçom comprados para disfarçar com deturpaçoms a nova agressom e difamar à oposiçom. Um claro exemplo do que dizemos foi o acontecido com a privatizaçom final da educaçom, preparada no Estado espanhol polo Informe Bricall, a LOU e a LOE, que dêrom na actualidade com o apoderamento total do ensino público por parte do Capital bancário e empresarial. Foi este um longo caminho que o sistema tivo de percorrer ante a contínua oposiçom e luta do estudantado que ainda hoje é contra a sua implantaçom.

Mas quando o rejeitamento e as mobilizaçoms populares som insorteáveis, recorre-se ao que se fixo com a Directiva Bolkenstein e possivelmente aconteça com a jornada das 65 horas. Isto é umha aplicaçom de facto que esquivae os impedimentos que de cara à galeria fai gala um sector da burguesia. Assim, a Corte Europeia de Justiça tem falhado a favor das empresas em vários processos nos que @s trabalhadoras/es eram subcontratad@s em Suécia, Alemanha e Finlândia, mas aplicando a legislaçom laboral do seu país de origem. Isto permite que trabalhadoras/es de Europa do Leste cobrem 300 € mensais nestes países. E aí nom remata a corrupçom dos tribunais burgueses, sejam a Audiência Nacional espanhola ou os tribunais europeios. Que a burguesia decidisse tacticamente retirar a reforma das 65 horas nom significa nem por assomo que vaíam a renunciar a esse objectivo, simplesmente empregarám a impunidade legal que lhe dam os seus tribunais para ganhar tempo enquanto aguardam o momento propício para forçar de novo a sua aprovaçom.

Assistimos assim a um crescimento dos benefícios empresariais e financeiros durante as últimas décadas, unidas a um ataque constante e feroz aos direitos d@s trabalhadoras e trabalhadores, que vírom as suas condiçoms materiais de existência continuamente mermadas. Por suposto, o Estado espanhol nom foi alheio a esta dinâmica.

Em Dezembro do ano 2000, o inquérito *Europe Business Monitor* realizado a directivos de 1500 empresas europeias, afirmava que o estado espanhol era o país com mais

perspectivas de crescimento económico da UE nos seguintes três anos. O diário da socialdemocracia espanhola *El País* abundava nos mesmos termos em 2007, afirmando que o Estado espanhol liderara o crescimento económico dos países avançados para o mesmo ano, baseando-se no crescimento do PIB espanhol num 3,8% frente ao 2,7% europeio. Este cenário de optimismo empresarial que como vimos antes significa agressões patronais exitosas contra a classe operária, explica-se na integração exitosa na UE da burguesia espanhola após um longo processo dialecticamente ligado com a reconversão da sangrenta ditadura franquista numa democracia burguesa.

Após a crise petroléira de 1973 que afectou especialmente ao Estado espanhol, muito dependente de recursos energéticos exteriores, a patronal atingia uma das suas maiores vitórias sobre a classe operária com a assinatura dos Pactos da Moncloa em 1977. Estes documentos foram ratificados pelos sindicatos maioritários na altura e supuseram a acta da sua transformação em centrais amarelas a soldo do regime. Iniciaram também uma etapa de elaboração legislativa que preparou o caminho para a Constituição espanhola de 1978, sentando os cimentos do chamado "pacto social", pelo que os sindicatos espanholistas, nomeadamente CCOO e posteriormente UGT, faziam uma renúncia explícita à transformação revolucionária da sociedade.

Os instrumentos que deveriam garantir e organizar a luta operária vendiam-se assim aos seus verdugos, plegando-se às exigências do patronato. As sucessivas reformas laborais da UCD, PSOE, PP, e na actualidade de novo o PSOE; teriam sido impossíveis de aplicar sem a obediência, submissa e entusiástica colaboração destes sindicatos, que eram assim cúmplices da contínua bateria de agressões que alcançou a primeira cimeira com as grandes reconversões e o desmantelamento da indústria de propriedade estatal durante a década de oitenta.

Nesta época, e assegurado o colaboracionismo dos sindicatos amarelos, o PSOE presidido por Felipe González lançou diferentes projectos entre os que destacaram a primeira grande reforma laboral que legalizava a contratação eventual maciça, a lei de reforma das pensões, o plano de emprego juvenil, o decreto contra o seguro do paro e a segunda grande reforma laboral que modificava o *Estatuto de los Trabajadores* e legalizava as ETT's.

A chegada à Moncloa do PP continuou com idênticas políticas neoliberais, afundando na privatização de sectores públicos, na precarização laboral, no recorte dos direitos dos obreiros, na temporariedade, na destruição dos sectores económicos mais ricos das economias de nações sem estado e em geral na adaptação do mercado laboral às directivas da UE; que exigia uma massa de trabalhadoras/es amorfa, apática e sem instrumentos nem consciência para devolver os golpes que recebia.

Chegamos então ao 2004, momento no que o PSOE colhe a turma para governar uma outra vez, e continua aplicando o pacote de medidas exigido pela burguesia que sustenta o seu projecto. Trás da máscara do *diálogo* e do *talante*, agochou-se a mesma face grotesca e podre do capitalismo espanhol que produzia índices cada vez maiores de morte no trabalho, congelamentos salariais, perda de poder aquisitivo, precariedade juvenil, acrescentamento das jornadas laborais, redução dos sistemas de prestações sociais, etc.

A outra face da moeda, menos visível, era o enriquecimento das grandes fortunas de construtoras e promotoras, a cementização dos litorais e a borbulha imobiliária ligada intrinsecamente à especulação financeira e as hipotecas que dependem do índice de bolsa, o Euríbor, assim como o empobrecimento da classe trabalhadora, especialmente as das nações oprimidas que sofrem condições laborais mais precárias, e dentro destes segmentos, a juventude e as mulheres, mais atacadas pelo Capital.

Mas inclusive nesta orgia do neoliberalismo selvagem, começavam a agromar as contradições que conduziriam à actual crise sistémica. Já em Junho de 2007 o relatório anual do *Bank of International Settlements* (BIS) informava de que “anos de política monetária desregulada inflaram umha gigantesca bolha global de crédito, deixando-nos vulneráveis a outra depressão nos moldes dos anos 30”. A sua análise foi amplamente ignorada pelas empresas e as democracias burguesas que viveram durante o neoliberalismo umha época dourada de saque espoliador, até que as condições do mercado financeiro na maioria dos países da OCDE afundirom ao mais baixo nível desde a quebra dos bancos de 1932.

Os factores da crise estrutural som múltiplos, derivados da exploração irracional burguesa, e mália nom disponhermos de tempo para analisá-los em profundidade, citamos os mais importantes no seguinte apartado.

4.- Confluência de crises e debacle do sistema

Começemos por definir que a mentada crise... som, em realidade, as crises. A crise percebida como disfunção apenas regional é umha falácia quando sabemos que a globalização capitalista invoca a descentralização dos fenómenos económicos adversos a cenários longínquos do núcleo imperialista. As famosas crises na Argentina ou o derrubamento das bolsas asiáticas a finais do século passado fôrom exemplos dumha deflagração generalizada que hoje tem atingido espectacularmente, por efeito da acumulação a escala global, o próprio centro capitalista mundial nos Estados Unidos de Norteamérica. Hoje já nom se desvia o foco: hoje é todo o planeta que assume desde a consternação a mundialização de “desajustamentos pontuais” que outrora batiam sobre este ou aquele ponto distante do planeta.

Os *mass média* informam da crise como um fenómeno que colheu a todo o mundo por surpresa, já que ninguém o aguardava por estarmos naquele “período de crescimento económico” sobre cujos beneficiários e vítimas já demos conta antes. Mas existíam claros indícios de que o buque burguês fazia águas, e a própria burguesia era plenamente consciente. Portanto, encontramos umha série de precedentes e factores que anunciárom e provocárom a actual situação de caos.

4.1.- Crise energética

A partir de 2005 começou a perder tendência alcista a produção petroléira, sustento fundamental da economia capitalista actual. A queda definitiva, o colapso, percebe-se ao final do túnel. A cultura tecnológica baseada na exploração de recursos nom-renováveis nom reparou em previsões de reconversom. Nom existe o mais mínimo indício que postule nas próximas décadas umha tecnologia capaz de reverter a dependência do cru ou do carvom -secundariamente-. Um exemplo bem claro é a política dos agrocombustíveis, recurso fácil da maquinária espoliadora capitalista para oferecer alternativas nom inovadoras, toda vez que a matéria prima som nem mais nem menos que os alimentos de produção agrícola. Os mesmos que se negam a milhões de bocas no planeta, e que agora reduzem a oferta alimentária a câmbio de combustiom para as redes de transporte que sustentam a distribuição capitalista mundial, provocando fome e sobreexploração de terrenos de cultivo, e conduzindo à inflação da cesta básica alimentícia.

A humanidade está perante umha conjuntura histórica completamente conflitiva com o modelo capitalista: só a redução do gasto de energia acompanhada dumha reorganização do sistema produtivo que a faga possível poderá abrir as portas a um horizonte de eliminação da cultura ocidental-burguesa e a convalidação com

novas políticas investigadoras de outros recursos exploráveis, numha nova génesse social que fomente o aproveitamento dos recursos naturais, e nom a subjugaçom dos mesmos e a aniquilaçom da natureza priorizando o benefício e a guia empresarial na investigaçom.

4.2.- Crise alimentar

A crise alimentar mundial, provocada por um modelo alimentário insostível ligado à demanda de comida da crescente populaçom dos países mais explorados, nomeadamente asiáticos, e sobretudo à procura dum novo mercado especulativo após o estourido das bolhas informática e imobiliária das que falaremos, especulaçom que provocou um acrescentamento do preço dos alimentos dum 300%. A venda várias vezes de colheitas que ainda nom existem som o principal suporte para a actual alça dos preços, constituindo um valor-refúgio especulativo após a queda doutros mercados. Assim, o câmbio climático ou o cultivo de biocombustíveis nom explicam por si próprios esta crise, som factores secundários apresentados polos média como principais para agochar as actividades da burguesia.

Além do mais, o modelo alimentário capitalista basea-se num esquizofrénico reparto desigual que atende principalmente a dous factores. Por um lado, a mantençaom do consumo petroleiro e, por outro, a dos preços dos alimentos para as distribuidoras. Assim, enquanto centos de milhons de pessoas se atopam por baixo do nível da desnutriçom, umha família média inglesa janta um Domingo qualquer umha série de produtos que descrevêrom umha rota de mais de 9000 km até chegar aos seus pratos. E isto quando esses mesmos produtos podiam ser produzidos num rádio de 42 km. Mas para a burguesia isto é necessário se quer manter em funcionamento a enorme maquinária da indústria petroleira e dos combustíveis, e assegurar que as empresas que distribuem os alimentos nom perdam os benefícios de gravar os alimentos com impostos engadidos derivados do transporte.

O desmantelamento de grandes superfícies agrárias e florestais para o cultivo de biocombustíveis em lugar de alimentos tenhem contribuído para chegar à actual conjuntura. Por outra banda, a especulaçom ligada à alimentaçom no centro capitalista tem provocado e provoca descartes de miles de Tm de determinados produtos em conjunturas de baixada de preços para estabilizá-los ou mesmo acrescentá-los. Esta crise tem provocado distintas revoltas populares de centos de miles de pessoas que vêem negada a sua necessidade mais básica em Haiti, Egipto, Indonésia, Bangladesh, Índia, Paquistão, Tailândia e América Latina.

4.3.- Crise tecnológica

Nom podemos obviar a crise tecnológica. Para entender esta secçom e a sua significaçom dentro desta interrelaçom de crises "sectoriais", citaremos a Bernstein quando explica que "o sistema tecnológico liga num todo coerente técnicas, equipos, produtos, estilos de consumo, matérias primas, redes de comunicaçom e transporte..." e que "visto dum modo mais amplo o mesmo corresponde-se com, é o núcleo central de, a civilizaçom burguesa". A tecnologia, enfim, resultado do progresso histórico produtivo, como base de qualquer sistema socioeconómico que, em determinada conjuntura, se vê ultrapassado por ela própria.

Em quê sentido é que se encontra em crise? A dia de hoje, nom há capacidade de continuar aumentando a produçom, dentro do esquema reprodutor capitalista, nem de reduzir custos ou tam sequer de manter os custos produtivos actuais, frente às crescentes necessidades da espécie humana. Este tecto histórico equivale ao energético, ao industrial-financeiro, ao cultural ou ao militar já vistos acima.

O impacto que isto há ocasionar sobre o desenvolvimento das forças produtivas vai ser brutal, porquanto nom se poderá manter o mesmo grau de sujeição e identificação produtiva com o progresso tecnológico que dominou no último século. Corresponde-se com este conflito a financeirização económica, que se vê impulsionada à cadência pelo freio das tecnologias punteiras que lhe servírom de alavanca.

Como bem explica o marxismo, é o desenvolvimento das forças produtivas, expressadas na tecnologia como trave de ouro do capitalismo avançado, que forçam umha superação do modelo produtivo.

Ainda, as sombras do declínio da civilização urbana burguesa adicionam mais um componente trágico às catástrofes ambiental, sanitária e alimentícia. A afectação global do desastre ecológico vê-se empurrada pola ideologia capitalista que vê na natureza mais um objecto de exploração, elevando sem comparação histórica possível as aglomerações urbanas da jeira industrializadora a verdadeiros formigueiros humanos.

Na jeira neoliberal actual, as constantes privatizações de serviços e o seu permanente desleixo, os recortes orçamentários no gasto público e singularmente nas infraestruturas segundo que zonas, tem dotado à concentração urbana dumha preocupante dinâmica marginalizadora e enormes distanciamientos entre bairros privilegiados e favelas, periferias em geral num estado de gestão dum grande colapso.

4.4.- Crise militar

Assim, também a crise militar proporciona mais umha escalada face ao abismo da crise total. O veio encentado pola estagnação belicista ianque, atorada em múltiplos cenários de confronto extremo, chega mesmo a transmitir por canais convencionais de comunicação a imagem dumha estratégia perdedora e arrotada que bem percebemos como usuári@s destes meios (des)informativos. A multidom de frentes aparenta mais umha fuga diante do que umha evolução sostida da bota militar sobre os cinco continentes.

A perda de vários milhares de vidas, no Iraque, de jovens das classes mais humildes que moram nos EUA, actualizando cifras nunca vistas desde Vietnám; a reocupação talibám de 3/4 partes do território afgeao e parte de Paquistám; a crescente militarização e intromissom ianque neste último, propiciando enfrentamentos geograficamente internos, ou mui próximos, às fronteiras das superpotências hindu e chinesa; o fracasso do “pequeno genocídio” de Geórgia para fomentar a divisom territorial dentro das áreas de influência russa abrindo caminho cara a China; o encistamento da prepotência israeli com a população palestiniana, além da derrota impingida no Líbano; as ameaças ao Irám; a hipertrofia autodestrutiva do uribismo na Colômbia; a sobrevivência das revoluções venezuelana, cubana, equatoriana e boliviana, incluindo acordos militares tácticos com a Rússia como força naval dissuassória no Caribe; etcétera... som o pano de fundo, para nós como habitantes de Europa, dumha crise que precisamente por sistémica, arrasta na sua queda a soberania dos Povos, deixando ao léu a fase imperialista como intrínseca ao capitalismo.

Todo este extermínio reinante desenvolveu-se ao abeiro do complexo militar-industrial dos Estados Unidos. Esta rama industrial, a semelhança da crise da financeirização económica e em paralelo à mesma, explica-se numha mesma dinâmica suscitada pola origem comum: o sistema socioeconómico capitalista. Aqui, como na especulação bancária, o desenvolvimento tem alcançado quotas elevadíssimas, fruto da irracionalidade produtivista e virtual dum sistema inoperante na realidade material, incapaz de dobregar inimigos infinitamente inferiores em capacidades quantitativas e qualitativas mália a perfeição mitológica do seu poder armamentístico e destrutor.

Como no mundo bursátil, umha enorme bolha tem medrado ocupando-o todo, mas recebe qualquer contacto com o perigo de rachar a sua feble capa protectora. A sua cruenta brutalidade é apenas mais umha conseqüência do seu fracasso.

Os investimentos mundiais em orçamento militar fôrom em 2007 190 vezes superiores à campanha da FAO contra a fome no mundo... Numerosas e prestigiosas vozes de analistas advertem de que as guerras pola água estão ao cair...

4.5.- A crise financeira

Por último a crise tem acaparado mais atençom mediática.

Já Lenine advertira do carácter decadente do fenómeno irreversível de translaçom do capitalismo industrial face à sua financierizaçom, como oposiçom à cultura produtiva-material que se encontra na raiz do capitalismo como modelo histórico de produçom. A financeirizaçom, ou aumento da importância do crédito no capitalismo, é umha tendência presente e já denunciada polo marxismo em datas tam tempranas como o século XIX. Desde aquela o fenómeno nom fixo mais do que agravar-se com a cada vez mais freqüente procura de benefícios em negócios financeiros cada vez mais incertos e aventurados. A lógica inerente ao capitalismo, compaginada com as novas tecnologias sujeitas às suas necessidades, permitiu que a voracidade do capital se acomodasse a modelos muito complexos de intercâmbio planetário de riqueza em papel, formal e opaca, justificada pola produtividade industrial real e a argücia de mobilizar os seus resultados no mercado global.

O acomodamento nestas redes de mercado bursátil que proporcionam benefícios e acessos imediatos à compra-venda internacional de valores que se desligam da produçom material, serviu de parapeto para o enriquecimento feroz e especulativo de competidores de casino. A submissom da economia produtiva capitalista a estes negócios, que recolhem dentro de pacotes em circulaçom desde a pequena economia familiar hipotecada por umha vivenda até as infraestruturas públicas dos Estados, passando polos créditos à criaçom de empresas de toda classe, acabou gerando um imenso globo vazio, inchado de trespasso em trespasso dum ponto a outro do mapa financeiro global, com o qual se negocia até que estoura e deixa ao léu a sua falta de correlaçom com a realidade material produtiva e a impossibilidade de compensaçom de todos os benefícios, fictícios, apenas numericos-digitais, gerados.

Eis aqui que os fundos de reserva dos orçamentos estatais se põhem ao serviço da banca para render-lhe tributo aos seus sonhos com dinheiros contantes extraídos da força de trabalho, verdadeira geradora de riqueza.

Os negócios ilegais como tráfico de drogas, de armas ou prostituçom alimentam mafiosamente este desafio de riqueza oculta baixo números electrónicos que se acompassam ao ritmo da oferta e demanda nas bolsas, caracterizados pola falta absoluta de control ou planificaçom quaisquer -liberalismo económico-. Daí que os mercados negros e ilegais cheguem a subsumir-se na tal riqueza.

Chegado um ponto crítico, já nom é o pretenso câmbio de humor de investidores que permite a contínua reproduçom destas bolhas. Chegados os vencimentos de praços sem compensaçom de tanta eufória cambiária, a especulaçom termina por desmoronar-se em cadeia, pondo o acento sobre a intercompetitividade e a desconfiança entre a própria classe financeira. E, como aplicaçom extraordinária dos critérios capitalistas, o povo sucumbe sob governos servis a compensar dumha forma colectiva, a través dos Estados burgueses, a hecatombe financeira.

4.6.- Breve explicação da recente explosão da bolha financeira

Mália todas estas crises parciais, o mais claro precedente da crise estrutural no centro capitalista encontramos-lo no *crack* creditício e a especulação ligada às hipotecas *subprime* nos EUA. Sobre as causas e desenvolvimento desta última demoraremos um bocado mais, por ter umhas claras concomitâncias com o acontecido no Estado espanhol.

Trás do estourido da bolha tecnológico-especulativa ligada ao NASDAQ em 2000 e 2001 produziu-se umha reorientação dos capitais de inversom face aos bens imóveis. Os principais Bancos Centrais baixam os tipos de interesse a níveis inusualmente baixos para reactivar o consumo e a produção a través da concessom de crédito, o que produziu umha enorme liquidez. Esta situação impulsionou a compra-venda especulativa de vivendas com cárrego a hipotecas que com a venda, eram canceladas para voltar a comprar outra casa com umha nova hipoteca, quando nom se financiavam ambas a través dumha hipoteca-ponte. O mercado aportava grandes benefícios aos inversores, e contribuiu a umha elevação disparada dos preços dos bens imóveis e das dívidas. Mas nom seria até 2006 quando começam os problemas de liquidez dos bancos para devolver cartos aos inversores (especuladores) por impago dos créditos concedidos para as hipotecas, iniciando-se um processo de embargos que só nesse ano chegou ao 1.200.000. Simultaneamente se produz umha queda brutal do índice bursátil da construção estadounidense (*U.S. Home Construction Index*), que caeu um 40%.

Até aqui chegam mais ou menos algumas versons oficiais ,as mais aventuradas. Mas nom há quem entenda nada do que aconteceu sem estudar previamente o processo desde umha óptica diferente.

Como vimos, a desregularização mundial impulsionada pola burguesia durante a fase neoliberal permitiu e promocionou que o sistema financeiro estadounidense funcionasse sem nengum tipo de controlo ou supervisom, e que engordasse o crescente sector de oportunistas que ganhavam milhons como intermediários entre vendedores e compradores no mercado de valores. Os multimilionários tuvarons da bolsa funcionárom seguindo a lógica depredadora e descerebrada do capitalismo, procurando a melhor maneira de incrementar ainda mais os seus benefícios, se bem a própria natureza especulativa destas operaçoms voltaria-se contra os mesmos capitalistas.

É o momento no que se lança ao mercado a *subprime*, um tipo de hipoteca de alto risco orientada para a aquisição de vivenda e dirigida face à enorme massa de obreir@s estadounidenses depauperada e empobrecida, incapaz de pagar umha casa no país das oportunidades, e muito menos de afrontar as proibitivas quotas hipotecárias.

Porém, som os próprios bancos estadounidenses os que servirom de alicerce a esta armadilha, criando um novo tipo de crédito para estas hipotecas com um tipo de interesse promocional nos primeiros anos, mas que em conjunto era muito mais elevado do que os empréstimos pessoais, com comissoes bancárias muito mais gravosas. O mais importante de todo é que os próprios bancos sabiam que estas hipotecas nom iam a ser pagas na sua maior parte. Por quê concedêrom ainda assim estes créditos? Pois em primeiro lugar porque também sabiam que a situação desesperada da gente às que iam dirigidas levaria-as a assinar, e sabiam de certo que quando nom as pudessem pagar, poderiam vender as dívidas camufladas em bónus ou titularizaçoms de crédito, e transferí-las a fundos de inversom e planos de pensons.

Assim depois dumha concessom massiva de hipotecas-lixo, criou-se umha grande bolsa de títulos hipotecários com as dívidas associadas, os quais se vendêrom a outras entidades financeiras, que à sua vez os vendêrom a outras, passando de mau

em maõ numha cadeia à que se lhe chamou borbulha imobiliária. Cada banco que passava o montom de títulos sem valor a outro ganhava mais e mais, numha espiral que acabou com o estourido da bolha quando se tenta cobrar a primeira quota a umha massa de trabalhadoras/es d@s que já se sabia previamente que nom a iam poder pagar. Iníciam-se os embargos de propriedades e o assédio bancário já nom só às/aos concessionári@s das hipotecas *subprime*, mas às/aos das ordinárias também. Como conseqüência provoca-se a alarma generalizada da população e o retiro de poupanças com a subsequente falta de liquidez. Produz-se umha onda de denegaçom de crédito provocada pola saída à luz pública de que entidades bancárias de primeira ordem e grandes fundos de inversom tinham comprometidos os seus activos em hipotecas de alto risco. Imediatamente globaliza-se um clima de desconfiança e pânico inversionista no centro capitalista, que levou à queda das bolsas de valores em todo o mundo.

As entidades financeiras começam a quebrar, e a Reserva Federal, o máximo órgão decisor na economia dos EUA, a mesma que permitiu ao resto dos bancos estadunidenses a concessom dos créditos para as hipotecas lixo, vai a protagonizar junto ao governo ianque a nacionalizaçom mais grande da história da humanidade. A situaçom é delirante. O máximo expoente internacional da privatizaçom e do neoliberalismo imperialista mundial, vai a realizar a intervençom pública no sector privado mais gigantesca operada até o momento.

A burguesia dos lobbies, consciente da gravíssima situaçom, pressionou ao estado para que comprasse os títulos virtuais de dívida que ela mesma criara, para nom ter de devolver os astronómicos benefícios que ganhara com a especulaçom hipotecária. A esta monumental estafa chamárom-lhe resgate financeiro: 700.000 milhons de dólares. Demoremos um bocado para compreender a cifra da que estamos falando. No mundo existem, segundo os inquéritos oficiais do capitalismo 862 milhons de pessoas com déficit alimentário. Com 30.000 milhons de dólares sufragariam-se as suas necessidades durante um ano. Isto significa que este “Plano de Resgate”, organizado pola própria burguesia para pagar a crise que ela mesma provocou especulando com as necessidades populares mais básicas, evitando assim ter de desenbolsar os benefícios que lhe reportárom as hipotecas-lixo, acabariam com a fome no planeta durante 23 anos.

Mas se os bancos estám vazios polo retiro dos aforros familiares, e a falta de liquidez é a regra, de onde vam sair estes cartos? Do assalto directo ao gasto social e do recrudescimento mundial da exploraçom da classe trabalhadora. A crise provocada pola burguesia vai ser pagada por nós. O disparamento da inflaçom, a congelaçom dos salários, subida de preços, feche de empresas que som deslocadas a países empobrecidos para abaratar custos, privatizaçom a marchas forçadas dos restos públicos da sanidade e educaçom, subida espectacular do paro, etc. Os estados do centro capitalista obedecerám cegamente os ditames da burguesia que os artelhou e organizou, e se encarregarám de impor estas reformas com a violência que exija cada caso.

4.7.- Está crise também é crise da própria civilizaçom patriarco-burguesa: os EUA

O consumismo como triste epopeia da liberdade individual tem provocado nos EUA umha alarmante reduçom das poupanças das classes mais abastadas, que degenerárom dumha cultura investidora que entronca com o devandito sobre a passagem do capitalismo industrial ao financeiro, a umha cultura de consumo hipercompetitivo, recurso de paliaçom de crises psicológicas e paradoxalmente fomentador das mesmas (15% da humanidade consome 90% dos fármacos). Um país onde 10% da população mais rica possui, e gasta massivamente, 50% do ingresso nacional. Nom é este o truco

do capitalismo? Parece que tampouco... O sobreconsumo tem gerado escasseza de poupanças que justificassem as especulações dos mesmos que as dilapidam.

A financerização da economia envolveu as grandes empresas, as mesmas que se enriqueciam do consumismo abusivo, e acediam aos mercados financeiros para continuar aumentando em escalas espectaculares a sua taxa de ganho, essencial para manter-se vivo dentro da lógica capitalista. Até ao ponto de igualar os contemporâneos ingressos absolutos e relativos extraídos do mercado financeiro com os extraídos do mercado de consumo tradicional.

Paralelamente, os e as mais pobres fôrom perdendo velocidade no aumento de salários e pensões, criando um submundo, no entanto predominante, de perda de poder aquisitivo e, como nom, incapacidade para adequar-se aos créditos bancários concedidos no terrível apogeu do mercado financeiro.

A situação de decadência cultural, de consumismo compulsivo, enriquecimento dos ricos e depauperação d@s pobres, tem um correlato na vida ordinária da cidadania estadounidense. Já 1 em cada 100 habitantes adult@s está encarcerad@; 7.200.000 sob custódia judicial segundo dados de finais de 2006. Um processo ascendente num contexto economicamente decadente.

A precarização do povo trabalhador e o consumismo das elites tem criado um défice comercial inaudito proveniente da sobreprodução da "era feliz e o fim da história", que dá em cifras espectaculares para a primeira potência económica do mundo: precisa importar 65% para manter o seu consumo ordinário. Esta desviação origina o endividamento do Estado, das empresas e, claro, das famílias. A dívida pública mais a privada dos EUA ascende a umha cifra descomunal, similar ao Produto Bruto Mundial. Umha economia de endividamento acelerado que, com o maior exército do mundo, tem em voga operações terroristas a escala internacional mui cobiçosas para paliar este défice a través da indústria militar, tam destrutiva como, precisamente, regeneradora por requerir constantes políticas de rearmamento.

Porém, todos os círculos das respectivas crises vam-se fechando engarçando-se reciprocamente, e produzindo umha celeridade que só a paciência e a alienação das classes trabalhadoras podem permitir deixar sem correspondência combativa por enquanto. Destas crises surge a CRISE.

5.- O Estado burguês, eterno protector da exploração capitalista

E, enfim, como nom citá-lo, a utilização maniqueia do Estado como ferramenta de opressão externa e interna, militar-policial, rebordada como instituição jurídico-política reguladora e insipadora de confiança normativa e civilizadora -de novo o liberalismo-, está a botar por terra a credibilidade do agora apregoado "maior e mais eficiente controlo" por parte das instituições públicas para evitar desfalcos como os de carácter financeiro que a diário nos insultam com a terrível liviandade de quem se sabem capazes de manejar a classe política, quando nom de cooptá-la ou ocupá-la directamente, ora degenerando num mero agente administrador coercitivo, ora recorrendo a ele para que tire aos pobres o que necessitam os ricos para manter a sua posição de classe.

A emancipação social caminho dum sistema mais justo exige a desconstrução dos aparelhos perversos da democracia burguesa, formando para isso as classes trabalhadoras, nomeadamente a nós, jovens, na necessidade de deslocar o poder

patriarco-burguês da detenção do poder político para podermos transformar as engrenagens do sistema produtivo face à libertação dos Povos da exploração de recursos e a invasão de lijo primeiro-mundista, a libertação da mulher como dirigente dumha nova concepção do trabalho, e a libertação da humanidade para abandonar o triste rol de meras peças da maquinaria, dispensáveis e moldeáveis desde a ideologia dominante num período histórico e num espaço concretos, e desde a sua instrumentalização como animais da prehistória capitalista que a mocidade marxista se compromete a superar.

6.- A actual crise. Gestação e explosão

E assim entramos em 2008, com umha soma de crises parciais unidas a umha outra cíclica, criando um processo de tal profundidade que provocou um colapso bancário no que desapareceram mais de médio cento das entidades financeiras e bancos mais importantes da primeira potência do mundo. Em palavras de Alan Greenspan, ex-presidente da Reserva Federal, a crise actual é "a mais dolorosa desde o final da Segunda Guerra Mundial". Em só sessenta dias, as mil principais empresas do planeta perderam 158.000 milhões de euros, é dizer, mais do que o PIB anual de países como a República Checa ou Colômbia. E o valor bolsista dessas mesmas mil grandes corporações, nos últimos oito meses, diminuiu nuns três bilhões de euros, ou seja mais do que a soma dos PIB anuais da Alemanha e do Brasil.

Esta crise provocada em grande parte pela especulação em bolsa e nom ao revés como se nos quer vender, nom puido ser ocultada por mais tempo em Setembro de 2008, quando mais entidades financeiras, todas elas ligadas à especulação imobiliária e as hipotecas-lixo, entram em bancarrota. É o caso do banco de inversão *Lehman Brothers*, as companhias hipotecárias *Fannie Mae* e *Freddie Mac* ou a seguradora *AIG*. Mas é que isto acontece depois da monstruosa, indecente e colossal injeção de capital de 700.000 milhões de dólares em 2007!!! E por se nom for suficiente, a Reserva Federal compra o 80% dos activos de *AIG* por 85.000 milhões de dólares, e "dona para a causa" 200.000 mais para as companhias hipotecárias arriba citadas. Neoliberalismo sim, mas segundo para quem.

Em Abril o FMI cifrou em 945.000 milhões de dólares as perdas acumuladas pela crise. Nesta altura dá-se por feito que a crise será mundial, estendendo-se em concreto a Latinoamérica e Ásia, implicando umha combinação de elevada inflação internacional especialmente no preço dos alimentos e a energia (objectivos para a especulação de primeira ordem, como vimos). Grande casualidade que um dos principais instrumentos do Capital assinala como principais vítimas da crise aos próprios países que a pagarão. Explicamo-nos.

O sistema mediático desinformador, dominado no fundamental por grandes transnacionais estado-unidenses, ocultou que grande parte do chamado "resgate" de 700 bilhões de dólares será pago por países da Ásia, nomeadamente a China e o Japom, principais compradores dos Títulos emitidos pelo Tesouro dos Estados Unidos. Somente a China possui cerca de 1.300 bilhões de dólares em reservas e bônus do Tesouro. Se os trocassem por outras moedas, os EUA iriam à falência. Mas a China também, porque a sua economia depende muito das exportações para os Estados Unidos.

Dentro desta política de descentralizar os custos da crise, a Reserva Federal dos EUA criou umha nova linha de créditos para os Bancos Centrais de México, Brasil, Coreia do Sul e Singapur. Na mesma declaração anunciavam a concessão de créditos similares a Austrália, Canadá, Dinamarca, Inglaterra, Japom, Nova Zelândia, Suíça e o Banco Central

Europeio. Em virtude desses acordos proporciona dólares a câmbio de reservas em divisas desses países, que sofrêrom perdas consideráveis pola crise. O objectivo da burguesia estado-unidense é afiançar assim o poder económico da sua moeda, privilégio outorgado em Bretton Woods. Ao mesmo tempo, o FMI anuncia a injeção de elevadas somas aos seus sócios capitalistas da Europa do Leste. Especialmente a Hungria, 20.000 milhons de euros, a maior parte em dólares estadunidenses.

Por outra banda, enquanto o actual sistema monetário subsistir, com o dólar como moeda de referência mundial, os custos da crise serám distribuídos. Os Estados Unidos som o país mais endividado do mundo (a dívida já iguala o seu PIB), mas o privilégio de emitir a moeda em que é facturado o petróleo –o produto-chave no comércio internacional– tem adiado um desfecho de bancarrota.

Porém, esta apuradíssima situação económica chega no pior momento para o imperialismo, já que os EUA devem afrontar simultaneamente à crise as conseqüências económicas da sua políticas imperialistas, que levam dilapidado centos de miles de milhons de dólares em armamento de destruição massiva, mas a diferença do iraquiano, este bem real. Em concreto, os custos das guerras do Iraque e do Afeganistám já ultrapassárom o das guerras de Coreia e o Vietnám juntas. Esta política de guerra global que leva anos ensaiando a Casa Branca, e que polas beligerantes declarações do novo presidente Barack Obama vai seguir na mesma, pode aprofundar e muito na crise. A invasom do Irám com a que já se ameaçou publicamente aos países árabes provocaria a duplicação do preço do cru e umha mais que possível resposta dos países da OPEP, que na actual conjuntura elevaria a níveis estratosféricos a gravidade do estado de cousas actual.

Na actualidade, as medidas tomadas polos governos do G-8, transformados em bombeiros do capital, e a recuperaçom das bolsas e do dólar geram a ilusom de que todo vai voltar rapidamente à normalidade, entendida esta como um reflexo do capitalismo. Tal convicçom é enganadora, porque a economia real nos EUA, no Japom e na Uniom Europeia vai continuar a afundar-se em proporçom no momento imprevisíveis. Os despedimentos maciços em dezenas de gigantescas transnacionais, os apelos dos grandes da indústria do automóvel e aeronáutica à ajuda estatal e o encerramento de milhares de empresas ligadas à construçom e ao comércio servem de termómetro para entender a gravidade e complexidade de umha crise de muito longa duraçom.

E até aqui a análise internacional do acontecido. Passemos agora a ver como, quando e sobre quem vai repercutir esta crise no nosso âmbito de luta mais próximo, e sobretudo a ver quais som as respostas possíveis que existem.

7.- REPERCUSSOM DA CRISE ESTRUTURAL

7.1.- A crise no Estado espanhol

O primeiro semestre de 2008 produz-se a pior queda da bolsa espanhola nos seus 135 anos de existência registada. A começos do mesmo ano, fecham metade das agências imobiliárias espanholas, o paro alcança um valor nom registado desde havia 25 anos, e para Maio a taxa de venda interanual de imóveis caiu um 40%. Dados suficientemente esclarecedores sobre o inserimento do Estado espanhol nom só nesta crise estrutural, mas na participaçom da sua burguesia na especulaçom financeira, e em concreto da imobiliária, o que seria um componente fulcral da actual crise. Isto configura um panorama muito próximo ao acontecido em EUA, mas vamos tentar argumentar todo isto com mais profundidade.

As *sabe-o-todo* fontes do sistema situam o início da bolha especulativa no mercado imobiliário no ano 1998, e o seu estourido entre a crise das hipotecas *subprime* a finais de 2007 e o início da crise estrutural em 2008. Mas na realidade o enriquecimento da burguesia construtora, a do tijolo e o cimento, vem de muito antes, da década de 60, durante o desenvolvimentismo franquista. A hipertrofia urbanística, a especulação das promotoras imobiliárias, o enriquecimento das agências, a convivência dos concelhos, a requalificação de terrenos para especular, etc. começaram a dar quantiosos benefícios nesta época, perfilando um dos pilares mais importantes do capitalismo espanhol. A burguesia franquista da construção, após a maquilhagem do regime operada na *Transição*, converteu-se num dos grupos dentro da classe dominante mais poderosos neste mercado chamado Espanha; por muito que seguisse ocupando uma posição subalterna dentro da burguesia europeia.

Os informes do *Banco de España* revelam que entre 1976 e 2003 o preço da vivenda duplicou-se em termos reais, situando-o no terceiro posto da OCDE no ranking de alça de preços. Entre 1997 e 2006, cresceu um 100% em termos reais, enquanto entre 1999 e 2001 os permisos concedidos para a construção de vivendas chegam a mais de meio milhão, acrescentando-se a cifra cada ano que passava (2003 – 700.000 vivendas, 2004 – 500.000, 2005 – 800.000). Ao mesmo tempo a dívida, como já vimos no caso dos EUA, crescia. Pedem-se empréstimos hipotecários que os bancos se apressaram a conceder, a alça dos preços dos imóveis repercute também nas dívidas, triplicando-se estas em menos de 10 anos (1986-2005). Sobre isto, com grande alarde de cinismo, “alertava” o próprio BE, afirmando que o acrescentamento do débito dos fogares era “insostível”.

O sistema foi capaz de manter na sombra todo o processo especulativo durante décadas, e como veremos, inclusive quando todo apontava à que a o acontecido nos EUA ia repetir-se no estado espanhol, todos os instrumentos do capitalismo *rojigualdo* se activaram para assegurar em contra de todos os indicadores, que tal bolsa especulativa nom existia, evitando a palavra “especulação” a toda costa, atribuindo à evolução demográfica, aos tipos de interesse ou à incapacidade de aforro familiar a situação, antes que a qualquer outra cousa. Deste modo, os especuladores ganhavam tempo, tentavam escamotear à maioria da população uma verdade evidente: A existência de muitas, muitíssimas mais vivendas das necessárias, a construção de muitas mais e a carência da juventude e a classe operária de toda possibilidade para aceder à ela. Os prédios, andares e casas deixam de ter a função de fornecer de fogar à população: Passam a ser um objecto de comércio para o especulador.

Para os sectores directamente enriquecidos como as associações de construtores, responsáveis principais da ausência de possibilidades de aceder a uma vivenda digna, nom existiu borbulha, existiu “boom imobiliário”. A opacidade do mercado da vivenda no estado impedia fazer valorização exacta da situação. Uma mesma entidade enviava mensagens de calma e alarma ao mesmo tempo, as estatísticas nunca fôrom sistemáticas e se caracterizavam pola dispersom quando nom eram simplesmente contraditórias, permanecendo o cerne do negócio imobiliário oculto às inspecções fiscais, ao mover-se em boa medida com dinheiro preto e a través de subornos. Esta opacidade foi também impulsionada polos médios de comunicação, com conexons empresariais com a mesma burguesia especuladora. O próprio *Banco de España* negou insistentemente a existência da bolha, mália ajudar a inflá-la e bem a través da concessom de crédito ao estilo estadounidense.

Detenhamo-nos um pouco no papel da banca na estafa imobiliária. Com a escusa do “crescimento económico” -já vimos em benefício de quem-, dispuxo todo tipo de produtos hipotecários a um preço cada vez maior para facilitar a compra. Assim em

2007 lançavam-se já hipotecas a 50 anos, o que quer dizer que passarás TODA a tua vida obrigado a pagar ao banco. O capital especulativo vem de diversas fontes, tais como instituições, fundos de inversão privada, sociedades limitadas, investidores de capital de risco, fundos de cobertura, agrupamento e indivíduos privados e também empresas públicas.

Mas a banca e o empresariado são os únicos responsáveis. A colaboração dos governos europeu, estatal e autonómico para com a especulação resultou fundamental. A entrada no sistema monetário comum supuiu como agioraram os economistas oficiais o afloramento de dinheiro negro na procura de inversão antes de 2002. Mas o que já não disseram foi que cinco anos após a instauração da zona euro a economia submersa acrescentara-se em relação com a época da peseta. Clara demonstração das bondades do sistema económico comum, que permitiu também uns baixos tipos de interesse inéditos até o momento. Seria com estes cartões pretos com o que se pagasse o 60% das transacções imobiliárias. Ao mesmo tempo, o Estado espanhol impulsionou uma legislação fiscal marco que favorecesse a compra de vivenda com desgravações do IRPF, permitindo a compra de vivendas mais caras enquanto o aluguer ficou sem nenhum tipo de ajudas. Figuras como a da VOP em lugar de fornecer de fogar à ampla população demandante, permitiu maiores benefícios às construtoras, ao serem vendidas no livre mercado antes do período estipulado pela lei com a cumplicidade dos sucessivos governos espanhóis de PP e PSOE e da inspeção.

Pela parte dos governos autonómicos, a tónica é muito semelhante, e especialmente sangrante constitui a acção dos governos locais, cujo principal ingresso vem da construção, em concreto da corrupção urbanística da requalificação de terrenos, compra de favores e apoios a câmbio de informação privilegiada, aprovação de planos urbanísticos, concessão de obras, etc.

Já nessa altura existiam posições de denúncia, entre as que se achava BRIGA (ver Resoluções do nosso II Congresso Nacional), e vezes que advertiam de que o excessivo endividamento provocaria a longo prazo uma alça dos tipos de interesse, com a subsequente baixa da capacidade de consumo e o acrescentamento da taxa de paro e dos impagos hipotecários. O principal dos sintomas da crise iminente foi o incremento anormal dos preços muito por cima do IPC até mais do 10% anual, além do desnecessário número de bens imóveis construídos e a ingente quantidade de operações de compra-venda, unido a um espectacular desenvolvimento do crédito bancário.

O resultado da explosão da bolha foi uma queda da demanda, e a momentânea dos preços pelo abandono por parte dos especuladores do barco imobiliário como ratas num barco que se afunde, uma vez infladas a rebentar com os víveres da bodega. O mercado era já inútil para produzir mais lucro uma vez tocado o teto do preço por metro quadrado, e a saída à luz dumha enorme quantidade de vivendas vazias, ocultadas para manter os preços, era só questão de tempo. É então quando a compra-venda e a contratação de hipotecas caem mais dum quarto.

Chegamos ao 2008, no que esta crise dos sectores ligados ao tijolo, provocados pelo empresariado, a banca e os diferentes governos, começa a ter repercussões nas entidades financeiras. Segundo o BE, a finalizar o 2007, as Caixas de Aforro acumulam já 1600 milhões de euros em créditos duvidosos concedidos a construtoras e imobiliárias. O paro medra sem barreiras, e miles de assalariados sofrem os Expedientes de Regulação de Emprego: Bridgestone, Delphi, Iveco, Marina d'Or, Nissan, Ono, Renault, Ryanair, Seat, Torres Papel, T-Systems e Telefónica Móviles entre outros juntam mais de 10.000 obreiros afectados nos primeiros momentos

de pánicos dos capitalistas. E isto foi só o princípio. Na actualidade, as altas taxas de desemprego estendêrom-se a camadas de trabalhadoras/es com qualificaçom média e alta, cebando-se especialmente na populaçom inmigrante, na classe operária das naçons oprimidas, e sobretudo na juventude e as mulheres.

7.2.- Impacto na Galiza

A dependência nacional é um entrave insalvável para nós. Antes dixemos que a repercussom da crise estrutural que provocara a burguesia conlevaria um recrudescimento global da exploraçom mundial. Isso atinge também às naçons sem estado oprimidas como a nossa, cujas classes trabalhadoras terám de pagar duplamente as conseqüências dos jogos especulativos dos amos do mundo, como trabalhadoras/es mas também como povo explorado, satisfazendo o juro esigido polo estado explorador, que tenta manter o seu ferido capitalismo mais ou menos em pé. Além do mais, estamos desprovis@s de toda capacidade para implementar medidas reais para a classe operária e contra a crise, ao estarmos exclud@s de toda decisom económica de transcendência. A inoperância dum *Parlamentinho* títere, a negaçom do nosso direito a decidir sobre nós mesm@s, é umha das causas reitoras que explicarám que a crise será mais violenta na Galiza, especialmente nos sectores de classe mais desprotegid@s e com piores condiçons laborais.

Recentemente podia-se ler no jornal *De Luns a Venres* o seguinte titular: "Galiza foi a comunidade na que menos cresceu o desemprego durante o 2008". Mas a notícia adoece, para variar, de faltar à verdade. Efectivamente, o incremento do paro na Galiza situou-se num 22,5% enquanto o estatal alcançou praticamente o 47% durante o passado ano. Isto deve-se em primeiro lugar à posiçom subordinada da Galiza como periferia que é do capitalismo espanhol, o qual retrasa o aprofundamento da crise, ao que se une umha ralentiçom das suas conseqüências graças à subvençom empresarial e financeira com cartos públicos da que falaremos em posteriores subapartados. Outro factor é a grande massa de trabalhadores com contrato precário, ou produzindo na economia submersa, e especialmente importante é o falseamento dos dados estatísticos que empregam diferentes critérios e focagens segundo o inquérito, atingindo resultados contraditórios (caso da EPA e o INE, por exemplo). Disto sabem muito a Conselharia e o Ministério espanhol de Trabalho, que conseguim fazer desaparecer a 7000 desempregad@s nas últimas cifras publicadas, só sobre a CAG), tirando-se da manga novas categorias como a de "outr@s nom ocupad@s" (aquelas/es galeg@@s que estám à espera ou fazendo cursos de formaçom) ou "com disponibilidade limitada" (trabalhadoras/es às/aos que nom podem subsistir com o seu emprego e estám à procura dum segundo). Este malabarismo conseguiu volatilizar das estatísticas a um total de 277.097 desempregadvs no nosso país, que há que somar-lhe aos 190.000 oficiais (só na CAG).

E mália todos estes enganos, os próprios baremos autonómicos assinalam um crescimento do paro mais rápido, que atingirá o 10% em Março de 2009, sendo o mais alto em quatro anos. O desemprego medrou um 7,4% na agricultura, 8,4% na indústria e até um 14,6% na construçom, especialmente alto polo estourido da borbulha imobiliária. Os serviços incrementárom o desemprego num 2,8%. Comparado com o ano 2007, o paro aumentou na Galiza um 20,6% no sector serviços, um 60,3% no tijolo, um 23,6% na indústria e um 16,12% no sector primário.

A resposta patronal à crise tivo nos ERES (Expedientes de Regulaçom de Emprego, que na prática se traduz como despedimento colectivo e suspensom de pagos) a sua medida mais popular, especialmente no sector da construçom. Em Dezembro de 2008, 8000 trabalhadoras/es galeg@s eram despedid@s por 480 empresas que presentárom expedientes de regulaçom, um 40% mais do que no mesmo período em

2007, e todo isto num tempo recorde que fixo retroceder a situação a índices da crise dos noventa. A média vai à apresentação duns 5 por semana, e afecta principalmente a obreir@s do sector da automação (1 terço do total com Treves e Citroën à cabeça), seguidos da pesca, construção (Eshor), têxtil e serviços (Atento).

Esta hemorragia de postos de trabalho agrava a perda contínua de poder aquisitivo dos salários galegos, que nom podem fazer frente à alça do endividamento propiciada por um fomento do consumo baseado no crédito bancário. Umha vez cortadas as linhas de crédito, perde-se essa irreal capacidade de consumo situando-nos numha situação de sobreprodução. Umha vez sobem também as tarifas ligadas ao consumo doméstico por cima do IPC, com incrementos na luz eléctrica, gás, telefone, Internet, correios, combustíveis, alimentos (alguns por cima do 10%) e transporte ferroviário; encontramos-nos com umha posição totalmente desprotegida e vulnerável da maioria da população. É previsível que nos próximos meses os sectores mais expostos sufram um empobrecimento severo que leve a miles de pessoas a engrossar o triste clube dos 10.000 galeg@s baixo o limiar da pobreza, com menos de 600 euros ao mês e incapazes de afrontar as suas necessidades básicas.

A maior parte destes sectores começam a serem conscientes do que se lhe vêm acima. As consultas ao psicólogo por causa da crise e da incertidom produzida tenhem aumentado um 10% na CAG, assim como a solicitude de psicofármacos em atenção primária. As camadas mais atacadas do nosso povo tentam afogar o medo em sessons de terapia e receitas de drogas legais, mas a realidade nom vai mudar com palavras e evasons, e o monstro vai seguir acechando baixo a cama e dentro do armário a menos que vamos por ele.

7.3.- As conseqüências para a juventude

Somos a carne de canhom. Nós somos esse sector mais desprotegido do que falamos junto aos/às imigrantes, inclusive mais, já que a maioria nom estamos dispost@s a aceitar o nível de exploração que equatorian@s, colombian@s, chineses, ruman@s que moram e trabalham na Galiza, suportarám, obrigad@s a realizar jornadas intermináveis e ao pago de salários de autêntica miséria. Em Maio de 2008, o nível de paro juvenil no Estado estava à cabeça da UE, só superado por Eslováquia, e em Setembro ganhava a cabeça ao chegar ao 23,6%. Fixemo-nos em que a espectacular crecida tem lugar justo no momento no que a crise estrutural exploda. É algo parecido à viragem inicial dumha montanha russa que se prepara para a queda livre, um indicador de quem vai pagar a crise, e quem vamos ser @s principais bodes expiatórios.

A situação laboral para a juventude galega é mui grave. Temo-lo analisado em multitudom de occasions, mas debulhemos um rascunho actualizado com alguns dados. No ano 2006, pouco depois das heroicas batalhas na rua que protagonizou a juventude francesa, analisava-se num jornal digital que a legislação espanhola permitia a contratação de jovens em piores condições laborais das rejeçadas pola maioria da juventude na França, oposta ao *Contrato de Primeiro Empleo* que a administração Villepin tentara impor. Afirmava-se também que os diferentes modelos de contratação aprovados por PSOE e PP (naquela altura já abençoados polo BNG), permitíam o mesmo que o CPE, com custos ainda menores graças às subvenções de cartos públicos recebidas por contratar jovens com salários misserentos. A situação nom fixo senom piorar.

Fazemos umha média semanal de 7,2 horas de trabalho que o empresário nom paga, mais de 17.000 trabalhamos com contratos temporários, 16.000 d@s quais nom cobramos as horas extras que fazemos. Cada vez custa mais encontrar emprego

(1-3 meses de média), e num de cada cinco casos mais dum ano. e o nível de precarização chega já à prática totalidade. Assim, no mês de Dezembro passado, o 89,9% dos contratos fôrom eventuais, temporários ou por obra, principalmente para as empresas de serviços ligadas à actividade imobiliária e ao aluguer, seguidas de concessionários de carros, talheres e construção. E nom por acaso, este sector que foi o paraíso dos especuladores está a ser de novo subvencionado por tod@s nós para "sacar-nos da crise", como veremos.

Conseqüentemente à subida da contratação temporária (7,23% mais em 2008), os contratos indefinidos vam a menos. O perfil mais comum de jovem explorad@ é o dumha mulher de entre 25 e 29 anos. De facto, os novos contratos dos dous últimos meses correspondem-se com mulheres desta idade, empregadas em agências imobiliárias com contrato temporário.

Também temos a taxa de emancipação mais baixa de todo o Estado espanhol, provocada por um mercado laboral regido pola desregularização, a temporariedade e a especulação imobiliária que alçou os preços a níveis proibitivos. Só três de cada dez jovens pudêrom viver fora da casa dos seus pais e maes, e boa parte deles precisam que lhes ajudem economicamente para manter-se. Mais ainda, somos a única CA junto a Ceuta, Melilha e Extremadura que temos menos jovens emancipad@s que há um ano.

E é neste contexto no que vamos a sofrer a crise, numha conjuntura de desregularização fortíssima, na que o empresário nom tem de ater-se a nengum convénio na meirande parte dos casos, impondo as condições mais vantajosas para ele graças à laxa legislação e os governos cúmplices que lhes permitem cada vez mais abusos. 10.000 jovens tenhem volto já doutros lugares do estado ante a impossibilidade de encontrar trabalho, e pronto serám o duplo. Mas nom existe lugar onde escapar. A única possibilidade é enfrentar-se ao que se avizinha, e fazê-lo com as armas que nos dá entender o que está acontecendo na Galiza. A resposta a décadas de capitalismo espanhol, primeiro sob o jugo do fascismo sanguinário de Franco, e agora à sombra da democracia neoliberal burguesa.

7.4.- A resposta institucional à crise

O governo espanhol tem artelhado um pacote de medidas para preservar intacto o núcleo do sistema a través de diferentes reunions com os representantes do capitalismo internacional, impulsionando o que seria um Plano de Resgate Financeiro à espanhola implementado em diferentes fases. É em momentos como este quando podemos comprobar empiricamente as fortes convicções neoliberais da socialdemocracia espanhola, que aplica idênticas soluções do que a direita em temas fundamentais. Agora, argumentemo-lo:

A 18 Abril de 2008, quando o governo ainda falava de "freio do crescimento" e "desaceleração" para referir-se à crise, aprovavam-se as primeiras medidas ditadas quatro dias antes na cimeira do FMI e o BM, consistentes no desembolso de 10.000 milhons de euros, dos que 4.000 fôrom destinados a estimular a financiamento e o crédito para as empresas, além de empregá-las para reactivar o sector da construção. Os 6.000 restantes respondíam a umha promessa eleitoral (assignação de 400 euros por cada contribuinte), que finalmente se reduziu a umha rebaixa fiscal pontual destinada a reactivar o consumo interno, que começava a congelar-se ante o crescimento da dívida e ameaçava com umha crise de sobreprodução (que finalmente sobreveu).

O pacote das 24 medidas de Junho de 2008, quando o PSOE começava a ver-lhe as orelhas ao lobo, abondava nos mesmos termos: 20.000 milhons de euros mais que concede o ICO (Instituto de Crédito Oficial) em liquidez para projectos empresariais, avais a promotoras imobiliárias, fomento da construção de obra pública (e polo tanto

reacção subvencionada da corrupção urbanística municipal), um novo projecto de devolução fiscal mensal só para as empresas, que ingressaram 6.000 milhões de euros em 2009 antes de apresentar a liquidação de 2010, e 8.000 milhões mais para as PYMES entre linhas de crédito e avais. Prometia-se também uma supressão das “trabas reguladoras” no sector serviços para reduzir custos, entre outras medidas.

Mas nem sequer estas tentativas descaradas de salvamento surtiram efeito. Quando a alta burguesia internacional decide convocar a reunião do G-20 em Washington para o 15 de Novembro, o PSOE é perfeitamente consciente do iminente colapso da economia espanhola e as consequências eleitorais que previsivelmente acarregem. Além do mais, o evidente desprezo das burguesias e governos das principais potências (nomeadamente EUA) pelo estado espanhol e a sua ambição de participar na comissão europeia assistente atacavam não só a credibilidade da gestão socialdemocrata, mas ao orgulho espanholista que se via obrigado a assumir, em contra da propaganda do sistema, a sua inclusão nos governos de terceira, e da sua burguesia, na periferia do centro capitalista. Só a mediação da presidência francesa da UE, o ultra-fascista Nicolás Sarkozy, permitiu a presença espanhola no selecto clube do capitalismo internacional, isso sim, como sócio obediente e respaldando sempre a posição francesa.

À volta iniciam-se as disposições acordadas, adoptam-se novas decisões, desta vez centradas “no trabalhador”. Rebaixa dos custos disparados das hipotecas, ampliação do pago por prestação de desemprego às reconversões em autónomos, moratórias de dois anos a parcelas para afrontar o pago hipotecário, aumento do prazo de exoneração de impostos na compra-venda de vivenda, rebaixa fiscal do IRPF para salários de menos de 33.000 euros anuais e outros 1.500 milhões de euros para as empresas que contratem desempregados com cargas familiares. Devemos fixar-nos em que o grosso das medidas contra o paro estão desenhadas para beneficiar em maior medida ao sector da construção, assegurar os pagamentos hipotecários aos bancos, facilitar que os especuladores se desfagam das vivendas que não deram vendido após o estourido da bolha e subvencionar a pequena burguesia.

O dia 7 de Outubro de 2008, o ECOFIN, organismo do Conselho Europeu composto pelos ministros de Economia, Fazenda e Orçamento dos estados membros convoca uma reunião de urgência para argalhar medidas paliativas. Na mesma jornada, o executivo espanhol anunciou a criação dum fundo com carácter ao Tesouro de 50.000 milhões de euros para comprar activos às entidades financeiras espanholas para impedir maiores quebras empresariais. Isto já nos soa de algo, verdade?

Efectivamente, é a mesma política com vírgulas e pontos ensaiada pela Administração Bush para exonerar a banca especulativa dos efeitos da crise. Como vemos, o estado espanhol reproduz os ditados do capitalismo internacional, com algumas anedotas regionais. O capitalismo espanhol foi também resgatado pelo governo do PSOE, organizando uma subasta a porta fechada (o *Fundo de Aquisição de Activos*) à prestação das próprias entidades beneficiárias, na que o executivo espanhol assumia os custos da especulação com os cartões de todos nós. Além do mais, os grupos bancários assistentes exigiram que não transcendesse quem entidade vendia o quê. Os objectivos foram não criar pânico nos inversores que pudessem deduzir quais delas tinham maior número de activos endividados, manter na sombra a sua responsabilidade na crise, evitar a cumprimentação da legislação e empecer que saísse à luz pública que o governo estava a comprar títulos tóxicos de paraísos fiscais, caso do Banco Sabadell, grupo bancário que integra entidades financeiras de Andorra, Baamas, Mónaco, As Caimam e Luxemburgo.

E estes 50.000 euros ficarão com toda provabilidade cortos, já que serão sufragados por impostos e o aumento da dívida pública (com a subsequente subida de impostos posterior). Os mesmos OGE, assim como o plano financeiro estão desenhados para umhas previsões totalmente descartadas pela realidade. O Ministério espanhol cifra o crescimento do PIB estatal à roda do 1%, quando todos os analistas do capitalismo internacional (excepto os militantes do PSOE), previam taxas negativas, incluído o BCE (*Banco Central de Espanha*) e o IEE (*Instituto de Estudios Económicos*). Este erro de cálculo fundamental permite aguardar umhas estimações de 84.200 milhões de euros a maiores em dívida pública, que irã ao resgate das empresas e da banca, e que pagaremos integralmente nós.

Neste mesmo mês, Janeiro de 2009, o governo apresentava em Internet o plano oficial contra a crise: O Plano E (*Plano Espanhol para o Estímulo da Ecomia e o Emprego*), que engloba muitas das medidas expostas anteriormente e algumas novas. Desta volta já escuitamos palavras sobre a necessidade de “esforço e sacrifício”, a previsível “perda de empregos” e em geral os típicos apelos a apertar-se o cinto que nestas ocasiões realizam os que sempre o levam bem aberto. Este plano está formado por 82 disposições organizadas em quatro eixos: Apoio a famílias e empresas, fomento do emprego, salvamento do sistema financeiro e modernização da economia.

Como conclusões, temos 180.000 milhões de euros saídos do erário público que vam ir parar às cloacas do capitalismo espanhol. Nom está mal para umha burguesia periférica. Anunciado por entregas em diferentes notícias polos meios de comunicação permitiu que a percepção social do assalto aos fundos públicos fosse atenuada, ao mesmo tempo que se disfarçavam como medidas sociais subvenções às construtoras, promotoras e entidades financeiras.

Nom nos podemos esquecer dum factor que desempenha um papel fundamental na crise: o Estado espanhol, como o cárcere de povos que é, tem umhas contradições internas dentro das suas próprias burguesias, algumas das quais, mália aceitar até a data o espaço de acumulação de capital que é Espanha, exigem a gestom do capitalismo nas suas áreas de influência, sempre desde umha posição subordinada à burguesia espanholista. É o caso da basca e a catalá, assim como das burguesias regionais e locais que como no caso da galega, estão alinhadas com o projecto nacionalista espanhol.

O *Fundo de Inversom Local* (FIL) é umha medida para satisfazer as necessidades destas burguesias. Neste senso deve fazer-se notar a impotência que tenhem as nações sem estado para impulsionar as mínimas medidas de protecção contra a crise, ficando as competências fundamentais em maos dum governo espanhol cujas preocupações se centram em manter satisfeita à burguesia. Como juventude operária galega, a desprotecção que sofremos é dificilmente igualável, já que nem ainda existindo um governo autonómico realmente preocupado polos efeitos da crise sobre a maioria da população, a imposição da administração espanhola impediria a tomada de medidas estruturais para atalhar os efeitos mais nocivos.

Aprovado em Novembro, o FIL consta de 8.000 milhões de euros para investir nos municípios a través da financiamento de obras de novo planeamento, é dizer, estimular de novo a construção especulativa com a escusa de criação de emprego, claramente temporário (por obra) e centralizado na juventude e a imigração. A prioridade nestas obras, definida polo plano como de maior utilidade social, contempla como principais beneficiárias as de promoção industrial, infraestruturas, telecomunicação, impulsionamento da eficiência energética e o turismo, entre outras. A entrada em funcionamento do FIL foi acompanhada também da aprovação dum procedimento de urgência que permite acelerar ao máximo os trâmites de adjudicação e licitação de obras.

À CAG correspondem-lhe 774 milhões de euros do plano de resgate espanhol, 480 dos quais correspondem-se com este fundo, cujo critério base foi a idade da população, claramente envelhecida no nosso contexto nacional. Umha talhada claramente inferior às necessidades da população assalariada, mas que de facto serão injectados no sector da construção como umha nova "ajuda para o crescimento económico".

O enriquecimento das construtoras no nosso país está fora de toda dúvida, sendo a Galiza o novo paraíso especulativo que converteu as nossas rias num enorme páramo de cimento com forma de hoteis, passeios marítimos, chalés ilegais e blindagem da linha de costas. A sua responsabilidade na desregularização do nosso mercado laboral, do nível de precariedade, da sinistralidade e na gestão da própria crise; e ainda assim, seguem a ser o neno mimado das diferentes administrações.

A aprovação do FIL pelo Estado espanhol com a conivência do governo autonómico do PSOE e BNG implica um acordo tácito entre todas as forças políticas institucionais por pagar a totalidade dos custos da crise a quem a provocou, no entanto, somos nós, a juventude operária galega, a maior atacada e violentada, e como principais vítimas, quem devemos assinalar aos causantes, propor as alternativas necessárias e sobretudo combater, lutar até quando e como seja necessário.

8.- O quê fazer? A alternativa d@s jovens revolucionári@s

A actual fase do capitalismo inicia a sua agonia, e os caminhos que se abrem diante de nós som muit@s, os possíveis resultados desta crise, variados. É frequente que ante qualquer situação de falência sistémica, as esquerdas e em concreto as revolucionárias esfreguem as mãos, ledas de que o inimigo esteja estertorando. Deve ser esta a nossa atitude? Ou deveríamos preparar-nos para dar as respostas que o sistema que atacamos nom é quem de proporcionar? O capitalismo nom oferece salvação possível para a humanidade, mas logo quê projecto sim o fai? A nossa actual posição dá-nos as ferramentas para saber qual é a saída, mas o nosso repto é ser quem de transmitir-lho às grandes massas de jovens que sofrerám a queda das suas condições básicas de vida nos próximos anos. O êxito do nosso projecto passa por conseguir maximizar a consigna de que este tempo de crise, só pode ser também tempo de luta.

A crise estrutural que vive o capitalismo nom conduz irremisivelmente ao fim deste modo de produção. Indubitavelmente, os EUA, pólo e motor do sistema, estão envolvidos em duas guerras perdidas no Oriente Médio. Na América Latina, desenvolvem-se processos de ruptura com a dominação imperial. Na Europa, anunciam-se num horizonte próximo grandes luitas inseparáveis das consequências da crise, que vai lançar milhões de trabalhadores no desemprego. O início dum processo de mudança da hegemonia do sistema-mundo é evidente. Mas assegura isso a fim do capitalismo?

Nos anos 30, a Internacional Comunista aderiu às teses do economista Emilio Varga, que retomava Lenine para diagnosticar que a crise de 1929 levava o capitalismo, finalmente, à sua etapa final. Conforme o *New Deal* resgatou o capitalismo de si mesmo, foi introduzida a categoria "segunda fase da etapa final do capitalismo". Já deveríamos estar na quinta ou sexta fase actualmente.

Quem diria que os Estados Unidos, "feridos de morte" pola crise de 1929, comandariam o maior e mais profundo ciclo longo expansivo do capitalismo da sua história – a sua "era de ouro", segundo Hobsbawm – na segunda pós-guerra, pressionando a URSS e derrotando-a tecnológica e economicamente, antes de favorecer a sua implosão política?

A conclusom é que nom, nom presenciámos necessariamente o fim do capitalismo. Mas podemos aportar o nosso graozinho de areia para ponnê-lo contra as cordas, aqui, na Galiza do século XXI, no coração do monstro europeio. O *Fundo Mundial para a Natureza* (WWF) declarou em Genebra há menos de seis meses que ao ritmo actual a humanidade precisará os recursos de dous planetas em 2030 para manter o sistema vigorante. Temos logo data de caducidade, um ponto de nom retorno antes do qual a humanidade deverá tomar umha decisom. As possibilidades depois som muitas, desde a reconfiguraçom da exploraçom capitalista para iniciar um novo ciclo expansivo, até a instauraçom dum sistema ainda mais violento, passando polo nosso objectivo, a Revoluçom Socialista.

Para recuperar-se da actual situaçom, o capitalismo deve impor simultaneamente o aumento de horas de trabalho d@s obreirvs e a rebaixa dos salários sociais e as prestaçoms sociais, aproveitando o desemprego; a apropriaçom do acrescentamento da eficiência do trabalho, o saque colonial dos povos oprimidos, d@s camponesas/es, indígenas e artesans; a reactivaçom da guerra imperialista, as conquistas e a inversom em países empobrecidos onde a taxa de ganho é mais alta, etc. Será nesta conjuntura mundial onde tenhamos de trabalhar pola autoorganizaçom, a criaçom de consciência, dinamizaçom das luitas, formaçom de quadros e intervençom nos grandes movimentos sociais que se dem no nosso país, que de certo será afectado pola nova ordem de cousas.

Existem várias perguntas às que devemos dar resposta. A primeira e talvez a mais importante seria esta: Por quê lutar? Tem importância porque é se calhar a questom mais autoformulada pola juventude. Primeiro, porque o sistema que nos rodeia, essencialmente injusto, pode e deve ser cambiado. Porque as suas piores conseqüências sofremo-las nós. Porque a exploraçom brutal aplicada nos países empobrecidos nom impede que neste "primeiro mundo", a injustiza, a exploraçom, a violência e a misséria estejam à ordem do dia. Porque a política e a economia som só meios de conhecer como funciona a realidade para poder cambiá-la, nom fins em sim mesmos. E especialmente, porque sem lutar, o capitalismo destruirá este planeta durante o nosso período biológico de existência. Sem luta nom temos futuro, nem para nós, nem para ninguém.

Podemos fazer-nos outra pergunta fulcral. Como focar a luta? Ultimamente tenhem surgido propostas de todo tipo, a maioria das quais bebem dum anarquismo recauchutado que no melhor dos casos desdubxa os objectivos, sujeitos e métodos de luta. As diversas correntes que defendem a "superaçom" do marxismo farfulham também sobre a desapareaçom das classes. Normalmente estas actas de defunçom soem assinar-se nos cómodos gabinetes das universidades, ou em foros intelectuais filocratoides onde se afirma que @ operári@, @ trabalhador/a, já nom é o sujeito activo das luitas, explicando com umha linguagem mais bem barroca que o que importa agora é pensar "em micro", trabalhar as luitas locais, esquecendo-nos da ligaçom entre elas por ser "artificial" e "impossível". Nós achamos que esta conceiçom resposta à derrota e insuficiência política dumha geraçom concreta, que agora fai dos malabarismos da linguagem e da renúncia explícita a fazer a Revoluçom a sua bandeira.

Se bem entendemos que todas as forças som poucas na luta, também achamos que a batalha de ideias deve mostrar-nos qual é o caminho a seguir, e desde logo, as teses que centram a luta no precariado e no pós-modernismo nom contribuem a que empurremos tod@s no mesmo sentido, ao contrário, desviam as forças e fragmentam as luitas, que em lugar de estar organizadas à roda duns objectivos finais, tenhem nos seus objectivos parciais o fim último. Como exemplo, o feche da fâbrica de Celulose em Ponte Vedra, por muito que fosse umha vitória sem precedentes do movimento

ecologista galego, nom impediria que o capitalismo espanhol seguisse destruindo o nosso ecossistema por outras vias. A luta local precisa enmarcar-se numha luta global, ou está abocada ao fracasso.

Por outra banda, e em muitas ocasións ligada à corrente do precariado, enmarcamos as posições anti-partidistas e apolíticas, já sejam claramente anarquistas ou como mínimo ácratas. A fobia pola organização, o rechaço dos partidos políticos, inclusive os revolucionários, e dos colectivos com alto grau de organização som também umha constante nom só destas correntes, mas da ideologia dominante do sistema.

A desconfiança induzida face a auto-organização no sentido mais estricto nom é unicamente um mal das massas exploradas que rechaçam a corrupta política institucional, mas está também presente em diferentes colectivos e organizações da própria esquerda independentista e do tecido social galego. O medo à existência de órgãos de direcção e a um funcionamento verdadeiramente democrático, mais lá da liberdade individual de cada quem para fazer o que lhe pete, é omnipresente na nossa sociedade.

A consigna tantas vezes repetida polos mass-média do “controlo” das organizações revolucionárias nom fam se nom agochar a urgente necessidade de evitar a propagação do modelo mais efectivo para lutar. O individualismo, ideologia base do capitalismo, e a alienação som o denominador comum de todas estas reticências e desconfianças. Pola contra, a probada eficiência dos colectivos organizados é contrastável na realidade em multitud de processos históricos, nos recentes acontecidos na Galiza igualmente. Até a data, os movimentos descabeçados, com baixo nível de organização, direcções reformistas, tendências acratizantes que os levassem a desprezar a intervenção social, o trabalho eleitoral, etc. nom atingírom sucesso. Lembremos o caso da Plataforma Nunca Mais, que liderou o movimento de massas mais amplo da história do nosso povo. A sua corrupta direcção política, vendida ao autonomismo pactista, permitiu que em lugar de atingir os objectivos que podia ter conquistado, fosse rapidamente fagocitada e assimilada ao sistema, sem produzir mais do que umha alteração conjuntural quando poderia ter ocasionado umha verdadeira ruptura.

9.- Tabela reivindicativa

A seguir, reproduzimos umha série de medidas que esigimos ao governo autonómico, a maior parte de imediata implantação, que achamos reduzirám as conseqüências mais graves da crise sobre a vida da juventude. Estám dispostas à roda de seis grandes eixos:

Laboral

Este campo é sem dúvida no que estamos a sofrer mais ataques, e a necessidade de manter a taxa de exploração durante a crise provocará com toda probabilidade um aprofundamento das grandes carências que padecemos.

- Desvio de 400 milhons de euros do FIL e do *Plano E* para a financiamento dum novo *Plano de Emprego Juvenil* e dum *Fundo para o Desemprego Juvenil*.
- Linha de ajudas públicas a trabalhadores/es menores de 29 anos afectad@s por ERE.
- Endurecimento da legislação contra as empresas que nom cumprem ou o fam dum jeito laxo as normas de segurança no trabalho, com estipulação de penas de prisom para os conselhos de direcção de devanditas empresas.

- Aumento do número de inspectores/as de trabalho num 50% anual, com o objectivo de chegar aos 214 inspectores/as em 2010, mantendo o incremento durante 4 anos mais.
- Aumento do 50% anual durante quatro anos do número de subinspectores, técnicos em prevençom de riscos laborais e efectivos nas equipas da Inspeçom do Trabalho.
- Transferência do 50% das sançoms cobradas do Ministério de Trabalho e Assuntos Sociais à Conselharia de Trabalho para financiar o novo *Plano de Emprego Juvenil* e o *Fundo para o Desemprego Juvenil*.
- Transferência plena das competências em matéria laboral à Junta da Galiza, centralizando os processos de negociaçom colectiva no nosso país.
- Confecçom dum novo *Plano de Emprego Juvenil*, aberto à participaçom popular e dos colectivos sociais, centrado no impulsionamento de emprego público, estável e digno, quer dizer, contrataçom indefinida, salário mínimo de 1000 euros, jornadas laborais de 35 horas semanais, eliminaçom das horas extra. A implantaçom do Plano terá lugar entre o ano 2009 e 2010.
- Emprego do 5% do PIB da CAG em criaçom de emprego.
- Ilegalizaçom das ETT's.
- Inclusom das categorias laborais "outr@s nom ocupad@s" e "com disponibilidade limitada" nas estatísticas oficiais de desemprego.
- Supressom legal da subcontrataçom.
- Retirada de subvençoms e ajudas públicas directas ou indirectas a empresas que apliquem contrataçom temporária ou por obra.
- Pago íntegro do salário em práticas.
- Supressom dos salários de aprendiz, pagando-se como mínimo o SMI.
- Aumento imediato do SMI a 1000 euros.
- Penalizaçom com penas de prisom aos cargos directivos das empresas que explorem trabalhadoras/es sem contrato.
- Todas as empresas achadas culpáveis de incumprimento das leis em matéria laboral e que recebam financiamento público deverão restituí-lo na íntegra, além de afrontar as responsabilidades administrativas ou penais subseqüentes.
- As empresas que empreguem contrataçom indefinida terão prioridade no concurso público, com maior acumulaçom de méritos no caso de serem @s trabalhadoras/es menores de 29 anos.
- Facilitaçom da entrada nos sectores económicos mais envelhecidos de trabalhadoras/es jovens, nomeadamente no primário, que rejuveneza o médio rural e impida o seu despovoamento a través de ajudas públicas e modernizaçom tecnológica.
- Reduçom do período mínimo de cotizaçom para o recebimento de prestaçom por desemprego a seis meses.
- Prestaçoms sociais especiais por desemprego para menores de 29 anos, com a criaçom dum *Fundo para o Desemprego Juvenil*, que acrescente num 30% os desembolsos públicos percebidos.
- Oferta pública de cursos de formaçom, de balde para menores de 29 anos no desemprego, centrando-se em formaçom teórica, técnica e riscos laborais.
- As empresas com expedientes administrativos ou condenas por incumprimento da

legislação laboral nom poderám apresentar-se a concurso público.

- Apertura de expedientes e sançons às empresas que censurem, coarctem ou minorem oficial u oficiosamente o emprego do galego nas entrevistas de trabalho ou no próprio posto.
- Sançons penais por discriminação laboral por razóns de orientación sexual ou transexualidade.

Vivenda

Como vimos, as construtoras tenhem feito dum direito o negócio mais lucrativo do capitalismo espanhol a través da especulação nos nossos concellos. As medidas tomadas polo governo ZP para paliar os efectos da crise estrutural só tencionam revitalizar o sector económico mais corrupto do estado espanhol, sentando as bases para umha nova borbulha especulativa. As seguintes disposicións están rumadas a impedir a alça de preços, perseguir de verdade a especulação imobiliária e assegurar a possibilidade da juventude para aceder a umha vivenda digna desde agora.

- Criação dum Banco de Crédito Galego
- Concessom de créditos para a aquisição de vivenda jovem sujeito a um tipo de interesse fixo de menos do 0,5%, no caminho de conceder empréstimos a fundo perdido.
- Incremento da pressom fiscal aos proprietários de mais dumha vivenda.
- Expropriação dos andares e casas que levem vazios mais de dous anos.
- Ajudas públicas à aquisição de VPO que sufraguem o 60% do preço a compradores/as menores/as de 29 anos, e nunca às construtoras.
- Efectivização da inspeção e endurecimento nas sançons respeito da construção, compra e venda de VPO; evitando todo tipo de especulação com a mesma.
- Criação dumha linha de ajudas ao aluguer que financiem o 65% do mesmo para menores de 29 anos.
- Endurecimento penal contra os proprietários que alugam em preto.
- Instauração dum preço máximo por metro quadrado correlativo com o SMI.

Mulher

As mulheres constituimos o colectivo mais atacado dentro da juventude, e o mais desprotegido com diferença frente à crise. É por isso que é imprescindível pôr em marcha um pacote de medidas de mínimos para impedir que a exploração chegue ao seu topo no nosso colectivo.

- Discriminação positiva na oferta de emprego a mulheres menores de 29 anos à hora de concorrer.
- Benefício dum 45% das prestações por desemprego do *Fundo para o Desemprego Juvenil* para a as mulheres menores de 29 anos.
- Perseguição penal do assédio sexual no trabalho especialmente por parte de encarregados e chefes, e implementação de sançons por trato sexista, linguagem machista, condições irregulares como o tipo de roupa a levar no trabalho, etc.
- Efectivização do prometido salário das amas de casa, ampliando-o às jovens que tenham de cuidar nen@s, inválid@s ou pessoas idosvs; sujeito a toda a regulação legislativa de emprego.

- Equiparação salarial de facto, desde já, entre homens e mulheres. A condena a empresas por discriminação salarial por razom de sexo contemplará sançõs de prisom, multas e abertura de expedientes.
- Inclusom na negociaçom colectiva dum protocolo para identificar e atalhar casos de violência machista.
- Aprovaçom e seguimento a través da inspecçom de trabalho da protecçom de riscos laborais durante o embaraço e a lactância das jovens.
- Assegurar sem lugar a dúvida que as jovens que decidam ter filh@s nom sejam objecto de despedimento, sancionando às empresas que assim actuem com multas e abertura de expedientes.
- Criaçom dum corpo de inspecçom formado na íntegra por mulheres, encarregadas de supervisar o cumprimento da legislaçom laboral em matéria de igualdade.

Serviços sociais

A juventude, como sector mais explorado e por tanto mais empobrecido, somos também o colectivo com mais risco de cair na pobreza e em situaçõs de exclusom social. Ao mesmo tempo, constituimos um sector duplamente rendível para o mercado das drogas legais e nom legais; já que além dos benefícios milionários que reporta a venda, as drogas servem como correia do sistema para manter-nos atad@s e submis@s, duas características essenciais para evitar situaçõs de explosividade social durante a crise em curso.

- Criaçom dum *Plano Nacional sobre Drogas*, centrado na problemática galega e na juventude. Incluiria um estudo pormenorizado do consumo de drogas legais e nom legais no nosso país, os sectores sociais afectad@s, os grupos de risco e possíveis linhas de actuaçom por comarcas.
- Apertura dumha rede de centros nas cidades e cabeceiras comarcais a conta das finanças da CAG, centrada no tratamento psicológico e condutual da toxicomania, mais que no farmacológico. Esta rede deve ter programas conjuntos com as Conselharias de Trabalho, Cultura e Desporto, Educaçom e Ordenaçom Universitária para a re-inserçom sócio-laboral de jovens com drogodependências e deve também contar com programas educacionais que contribuam a evitar o desenvolvimento de condutas aditivas.
- As licenças de abertura destes centros serám facilitadas só à Administraçom pública galega, e de nengum modo a entidades religiosas ou privadas.
- Contrataçom pública e indefinida a cargo dos Concelhos e o Governo autonómico de profissionais para gerir estes centros.
- Criaçom dum *Fundo contra a Exclusom Social*, do que se beneficiarám os sectores com menos de 600 euros de renda mensal, assim como os que estejam em risco de entrar em situaçom de pobreza ou extrema pobreza.
- Despenalizaçom do consumo de qualquer droga.
- Legalizaçom de todas as drogas.

Sexualidade

As relaçõs sexuais jogam um papel fundamental na recomposiçom da força social do Trabalho. Em especial a dominaçom sexual da mulher serve como válvula de escape para a frustraçom que a exploraçom laboral cria nos trabalhadores. De aí a importância do trabalho a prol dumha sexualidade efectiva e consequentemente livre, que rache com os esquemas de dominaçom que ajudam a manter a conflitividade social baixo a

Segunda parte

Internacionalistas, aqui e agora

1.- O que é o internacionalismo?

Fai mais de 150 anos Karl Marx e Friedrich Engels rematavam o texto do *Manifesto Comunista* com aquela famosa frase: "Proletári@s de todo o mundo. Unide-vos!!". Com ela os fundadores do socialismo científico faziam um apelo à união de tod@s@s oprimid@s de qualquer nação para enfrentar o inimigo comum, a opressão do capital.

Mas de facto, o chamado à luta no plano internacional não foi só um recurso retórico. O movimento operário que se organiza a meados do século XIX tem como um dos seus maiores rasgos definitórios precisamente a sua estruturação internacional. Assim é como as primeiras décadas do movimento socialista estão ligadas à organização das Internacionais, da AIT (Associação Internacional do Trabalho) até a Internacional Comunista.

Porém, o internacionalismo não é uma invenção do movimento operário desenvolvido sob parâmetros marxistas, senão que a sua origem a temos que procurar entre os movimentos de carácter democrata que vinham tomando força de finais do XVIII. Assim o internacionalismo está presente entre os grupos que por toda a Europa pretendem estender os valores da Revolução francesa de 1789 e entre aqueles que posteriormente se solidarizam com as lutas de liberdade nacional de países como a Grécia ou a Polónia, estendendo aquilo que se deu em chamar no ciclo revolucionário de 1848 como a *Primavera dos povos*.

Poderíamos entender que o internacionalismo é a denominação com a que designamos à tomada de consciência entre os sectores politicamente avançados de diferentes nações e povos, de que as mais diversas formas concretas de exploração têm uma origem comum. A que hoje identificamos sem nenhum género de dúvidas com a dominação do capital transnacional.

Daí derivamos conseqüentemente, que a derrota desta dominação em qualquer cenário concreto vai supor um benefício para quem a enfrenta em qualquer outro cenário. Então é lógico que quem luta, por pôr um exemplo, contra a dominação do capitalismo espanhol na Galiza seja ao tempo solidário com quem enfrenta a este mesmo capitalismo espanhol em qualquer outra parte.

Mesmo tendo em conta a real dimensão global interrelacionada do capitalismo, qualquer luta que debilite ao capitalismo a nível mundial supõe um benefício para todas as demais lutas concretas que enfrentam as diferentes faces do capital em qualquer outra parte do mundo.

Realidade da que tomou boa nota o capitalismo, e que se traduz na real "solidariedade entre exploradores" que supõem os numerosos acordos "anti-terroristas" e planos "contra-insurgentes" existentes entre os diversos estados.

2.- Internacionalismo e diversidade

Um dos debates recorrentes entre a esquerda internacional durante o último século é o da concreção certa do internacionalismo. Para ser mais exactos, o de se num plantejamento internacionalista tenham cabida as reivindicações de carácter nacional tais como o direito de autodeterminação ou o respeito e defesa das línguas oprimidas.

Lamentavelmente, o plantejamento da questão a meados do século XIX produz-se num contexto dominado ideologicamente pela identificação entre progresso e desenvolvimento capitalista. Um desenvolvimento capitalista que haveria que encarecer mas do que se podiam tirar resultados positivos. Um desses supostos resultados positivos seria o da eliminação das diferenças e fronteiras culturais entre os diversos povos do mundo.

Esta visão positivista contaminou mesmo a elementos da mais elevada talha intelectual, como bem podemos comprovar se revisamos a tese sobre “os povos sem história” defendida no seu momento por Engels.

Mas o próprio desenvolvimento do capitalismo demonstrou, para quem o soubo e quixo ver, que a uniformização cultural forçada não supom progresso algum. Muito pela contra, o capital valeu-se da imposição de carácter colonial e imperialista para reforçar a sua exploração, convertendo aos povos oprimidos em receptores dumha opressão acrescentada pela sua “manifesta inferioridade”.

No canto da suposta uniformização e igualdade entre os diferentes seres humanos que suporia a instauração global da cultura do capital, a realidade demonstrou que apenas se virom reforçados o racismo e a xenofobia.

Assim a reivindicação dos direitos nacionais das nações oprimidas tornou-se num elemento fundamental à hora de plantear umha auténtica alternativa emancipadora. É ridículo considerar, como fazem algumas correntes da pseudoesquerda, que se pode falar dumha auténtica liberdade sem tomar em consideração às realidades nacionais.

Contudo, não é raro topar de quando em vez com quem desde supostas posições progressistas defende que, no nosso contexto, a reivindicação do nosso idioma ou da independência supom um atranco para a auténtica revolução. Porém adoitam ser os mesmos que empregam o espanhol como única língua veicular e tenham o cenário do Estado espanhol como principal quadro de referência para o seu accionar.

Deste jeito, e voltando às apertações de Marx ao debate, devemos recordar como este plantejou a questão nos seus textos sobre a questão irlandesa, ou invés e mais correcto, a questão britânica em Irlanda. Escritos nos que remata por afirmar que nengum povo que oprime a outro pode ser autenticamente livre. Assim, a opressão e exploração de outros povos converte ao proletariado da nação opressora em cúmplice, ligando os seus interesses aos da “sua” burguesia.

De facto podem-se considerar os escritos sobre a questão irlandesa, ou a questão britânica em Irlanda, como o ponto de partida do desenvolvimento da linha política orientada pelo marxismo sobre a questão das nacionalidades. Linha que se caracterizou por prestar cada vez mais atenção ao facto nacional, e por considerar dum jeito qualitativamente diferente o “nacionalismo dos oprimidos” frente ao “nacionalismo dos opressores”.

Nom podia ser doutra forma enquanto a grande maioria das luitas revolucionárias que se vam dar e todo o globo durante os últimos 150 anos vam ter a reivindicaçom nacional como um dos seus eixos fundamentais.

A experiênciã demostrou pois, que o internacionalismo nom entra em contradiçom com a legítima vontade dos povos por sobreviver diante da depredaçom, assimiãom e marginalizaçom promovida polo imperialismo.

Polo contrário, o respecto pola diversidade e a solidariedade com outras gentes de raça, fala e cultura diferente, mas com uns problemas em muito semelhantes aos próprios; tenhem sido umha característica da absoluta maioria dos movimentos de libertaçom nacional.

3.- Que internacionalismo? Ou, internacionalismo para que?

Convém estabelecer umha nítida diferença entre o que é internacionalismo e o que nom o é, já que o sistema adoita tender armadilhas para confundir e encarreirar os sentimentos de solidariedade cara umha inócua açom de caridade. Tal é a prática das ONG's e das organizaçoms de base da Igreja católica.

O internacionalismo é um praxe que parte do respecto e a consideraçom em pé de igualdade de todas as pessoas e povos do mundo, em funçom da reivindicaçom dos seus direitos.

Assim o internacionalismo fica longe da atitude paternalista da maior parte das campanhas que governos e ONG's lançam como rituais de emenda da má vontade por se aproveitar da miséria do mal chamado Terceiro mundo. Atitude que disfarça um discurso racista onde se insiste nas lamentáveis condiçoms nas que tenhem que viver milhons de seres humanos, fazendo-a derivar implícita e explicitamente, da incapacidade de determinados povos para se auto-gerir.

De tal modo que a maior parte das açoms humanitárias promovidas por estas entidades nom deixam de estar inspiradas pola caridade por quem é menos, sem valorizar em momento algum que a totalidade das situaçoms de desigualdade e miséria que existem no nosso mundo estãm provocadas pola exploraçom sistemática promovida polo capitalismo.

Lembremos que existem pobres porque sempre há alguém a enriquecer-se com a sua miséria.

A correcta atitude do internacionalismo passa por presupostos radicalmente diferentes. Pobreça e miséria nom som frutos do acaso, senom da exploraçom. Polo que a solidariedade real passa em todo momento por assinalar os culpáveis de tal situaçom. E mesmo, como é no nosso caso como membros da minoria privilegiada d@s habitantes da Europa, por reconhecer e renunciar à nossa situaçom de privilégio como beneficiári@s secundári@s da exploraçom imperialista.

Assim o internacionalismo exige-nos ser solidárias com os movimentos que noutros países luitam por criar quadros políticos que permitam superar o actual estado de cousas, mesmo por reconhecer o legítimo direito à resistênciã e ao confronto violento.

Este apoio é em primeiro lugar político, favorecendo a difusom e propaganda das luitas de outros povos no nosso país e atacando, na medida das nossas possibilidades, aos

inimigos dos nossos irmãos na nossa própria realidade. Ficando num segundo apartado o apoio de tipo material, que também é importante.

Por pôr um exemplo gráfico tam só há que comparar a atitude das ONG's respeito, aos casos de Cuba ou a Palestina, com a que devemos manter a esquerda independentista.

Mentres uns fam fincapé na pobreza, a miséria e na falta de recursos que estes dous povos sofrem, aproveitando as mais das vezes para atacar a quem desde estes povos luta por sacudir-se o jugo do imperialismo. O nosso papel passa primeiro por reconhecer a vontade de resistência e superaçom destes heroicos países, assinalar os reais culpáveis da sua situaçom, ajudar na difusom das suas luitas, e, finalmente, emprestar ajuda material. Mas sendo conscientes que é muito mais importante conseguir debilitar aos inimigos da liberdade que enviar um quilo de arroz.

Porém, devemos ter muito claro que a nossa solidariedade internacionalista nom parte da consideraçom caritativa de ajudar a quem é menos que nós, senom do apoio a quem é um igual e que com a sua luta também ajuda ao nosso próprio triunfo.

Tenhamos em conta que o imperialismo também conta com recursos limitados, e quanto mais se veja obrigado a dispersar a sua atençom melhor será para quem o enfrentamos em qualquer parte do mundo.

Devemos ser internacionalistas nom por vagos ideais, senom porque estamos objectivamente interesad@s em que o campo da liberdade ganhe na sua guerra mundial contra a barbárie já que fazemos parte dele.

4.- Internacionalistas, aqui e agora. Precedentes e actualidade

Umha das expressons mais habituais dum país oprimido, é o desconhecimento generalizado da sua própria história. O Estado ocupante tenta por todos os meios aniquilar, fazer desaparecer as pegadas do passado, borrar da consciência colectiva a memória de qualquer vestígio de auto-organizaçom popular. Eis o que aconteceu com a tradiçom internacionalista praticada por milhares de galeg@s na história mais recente.

@s que hoje fazemos do internacionalismo proletário peça basilar do nosso projecto revolucionário, achamo-nos em plena sintonia com umha Galiza que tem contribuído generosamente às luitas doutros povos do mundo. Os anseios de pam e liberdade que provocárom umha emigraçom maciça de sectores populares do nosso País, à vez, possibilitou a participaçom de centos de compatriotas na epopeia da emancipaçom humana nos seus povos de acolhimento e também que fora a emigraçom, principalmente na América e as Caraibas, testemunhas das primeiras experiências organizativas que precederom ao nascimento do independentismo galego.

Fidel e Raúl Castro ou o coronel Francisco Caamaño som alguns dos mais ilustres filhos dessas dúzias de milhares de jovens galeg@s que abandonárom a Galiza, procurando umha vida melhor.

Nas terras de acolhimento da Argentina, Cuba, Uruguai, Brasil, Venezuela ou México, exportárom a consciência operária contribuindo para a construçom do sindicalismo de classe e das emergentes forças operárias.

Alguns nomes estám gravados a fogo na consciência colectiva: António Souto (Gallego Soto), mítico líder da Patagónia rebelde; Santiago Iglésias Pantim, destacado

sindicalista e defensor dos direitos do Porto Rico; José Maria Monteiro, impulsor do sindicalismo argentino; Ramon Soares Picalho fundou na Argentina o Partido Comunista; José Rego Lopes, dirigente operário e fundador do Partido Comunista Cubano; Maria Araújo, guerrilheira comunista incorporada em Cuba ao M-26 de Julho; José Fernández Vasques "Comandante Soutomaior", assessor militar do MIR venezuelano, colabora com a Revolução Cubana e como membro da Secretaria Permanente da Tricontinental apoia a luta anti-imperialista no Vietnám e Laos; Elsa Martínez Mesejo, activista dos Tupamaros uruguaios e posteriormente das Forças Armadas Peronistas; Fernando Oyos "Comandante Carlos", dirigente do Exército Guerrilheiro dos Pobres da Guatemala; os irmaos Ameixeiras, os irmaos Trigo ou os irmaos Díaz, implicados na luta contra a ditadura de Batista em Cuba; Vitor Fernández Palmeiro, "Dedo" membro do ERP argentino.

Historicamente a praxe internacionalista da esquerda independentista tem passado por diferentes estadios.

Nom podemos obviar que a nossa corrente, embora nom podamos remontar a sua matriz orgánica mais alá de 15 anos, foi influenciada por umha praxe comum ao conjunto do moderno nacionalismo galego nascido na década de 60 do passado século. Dentro desta praxe temos que reconhecer que sempre houvo umha tendência ao chauvinismo que se viu agudizada desde finais da década de 80.

Tendência chauvinista maioritária que paradoxicamente conviviu com umha outra de fascinação infantil por movimentos políticos foráneos, nomeadamente a esquerda abertzale, produzindo comportamentos que em nada contribuíam para o desenvolvimento do próprio movimento nem para estender e intensificar a necessária solidariedade com a luta do povo basco.

Ambas posições apresentam, achamos, um enfoque erróneo do plantejamento da luta de libertação nacional da Galiza no contexto estatal e mundial.

Polo que toca à primeira. É um absoluto erro considerar que o que se passa dentro das nossas fronteiras nom tem nada a ver com o que acontece no resto do mundo. Muito polo contrário, a opressão que sofremos está intimamente ligada ao próprio plantejamento do estado espanhol como cárcere de povos e a interrelação do imperialismo espanhol com o imperialismo como fenómeno global.

Assim, ao desprezar o contacto e intercâmbio de experiências com quem sofre situações semelhantes às que nós vivemos, ou diferentes mas provocadas polos mesmo agentes, estamos a desperdiçar umha valiosíssima fonte de recursos que nos podem ajudar na nossa luta particular.

Mas o extremo contrário nom é menos perigoso. A fascinação que pode gerar o exemplo de luitas vitoriosas, protagonizadas por movimentos dumha amplitude e arraigo de massas superiores aos nossos, devem ser fonte de inspiração mas nom substitutivos das nossas próprias luitas.

De facto, o maior apoio que se lhe pode dar a luta de outro povo é o avance do nosso próprio projecto. Fraco favor nos fazemos, e lhe fazemos aos outros povos que lutam pola sua liberdade, quando lhe damos umha trégua ao imperialismo na nossa trincheira embora nos vistamos com camisolas do mais radical.

O foque correcto da questom passa pois por entender que a nossa luta nom é a única que está a decorrer no mundo, que há outras ao nosso carom e que enfrentam aos

mesmo inimigos. Ocupamos pois umha trincheira mais das muitas que existem na multitude de frentes da revolução mundial. Com todas somos solidári@s e de todas podemos aprender.

Porém, nom sendo a nossa luta a única sim é a que nos tocou brigar. A nossa obriga internacionalista passa pois por levá-la avante da melhor forma que podamos.

Resoluções

O sonho revolucionário cumpre 50 anos em Cuba

Por demonstrar com factos que outro mundo é possível. Por mostrar os dentes à face ao imperialismo ianque. Por alentar as lutas pelo socialismo em todo o planeta. Por ensinar-nos que o curso da história nom é inalterável. Por dar-nos a teoria e a prática do Che, de Fidel, de Camilo e de tant@s outr@s combatentes que o dêrom todo pola Revolução. Por ser um exemplo vivo para a juventude obreira revolucionária galega.

**Por todo isto e muito mais: Parabéns, Cuba!
Até a vitória sempre, pátria ou morte, venceremos!!!**

Paremos a agressom nazi-sionista. Adiante a resistênciã palestiniana

No passado 27 de Dezembro Estado de Israel iniciava um bombardeamento sistemático da Faixa de Gaza que culminava dias depois com umha invasom terrestre que ainda hoje continua em marcha e que tem provocado a morte de mais de um milhar de mulheres, homes e crianças palestinian@s mortas, milhares de feridas, e boa parte das infraestruturas de uso civil, tais como hospitais e escolas, totalmente destruidas.

Depois de fechar há justo uno a Faixa de Gaza por ar, terra e mar, criando o maior campo de concentraçom da história no que malvivem mais de 1.500.000 de pessoas, para castigar a zona do território na que ainda se mantinham à frente do governo os legítimos representantes da vontade popular, Israel desata esta ofensiva militar com a que pretende aniquilar qualquer vontade de resistênciã palestiniana.

Mentres assitimos à criminal agressom, a chamada "comunidade internacional" assiste impassível ante o goteo incessante de mort@s, ferid@s e destruiçom. O silêncio cúmplice do Obama é um bo anticipo do que nos espera do tam cacarejado "câmbio" nos EUA. Nada melhor chega da progressista UE, que insiste, no melhor dos casos, em igualar a vítimas e verdugos, num exercício de cinismo e covardia que nos abochorna e indigna.

O contraste do bochornoso espectáculo que nos oferecem os Estado "democráticos" o temos na República Bolivariana de Venezuela e na Bolívia, que dêrom umha magistral liçom de dignidade ao resto de povos do mundo.

É urgente e necessário alargar e intensificar as mostras de solidariedade com Palestina. De BRIGA apoiamos decididamente a ampla e plural resposta que se artelhou na Galiza, assim como noutras partes do Planeta, contra a nova agresssom nazi-sionista e chamamos ao conjunto da juventude galega a participar na

mobilização nacional que se celebrará em Compostela o dia 8 de Janeiro, assim como em todas as iniciativas em solidariedade com o povo palestino.

Adiante a resistência! Palestina vencerá!

Avante a luta juvenil na Grécia

Máia o silenciamento informativo ao que se submete na actualidade o amplíssimo movimento juvenil grego iniciado com o assassinato dum jovem manifestante a mãos da polícia continua em curso, configurando umha das maiores explosões de raiva social e contestarismo juvenil das páginas recentes da história europeia.

As mais que evidentes similitudes entres a democracia espanhola e a grega, ambas emanadas da ditadura do golpismo fascista, acrescentam ainda mais a nossa solidariedade, e o desejo do máximo sucesso da juventude que na Grécia se enfrenta ao capitalismo com lume, pedras e ódio de classe.

Desde a luta juvenil na Galiza, só podemos enviar um caloroso abraço revolucionário, e o apoio incondicional a continuar a luta.

Solidariedade com a América Insurgente

O processo em curso aberto em diferentes países da América Latina, nomeadamente Cuba, Venezuela, Bolívia e Equador; tem aberto um horizonte de verdadeira esperança para a classe trabalhadora mundial e o conjunto da humanidade explorada.

O combate ao imperialismo, as políticas redistributivas, as prestações sociais, a sustentabilidade ecológica, a participação popular, a implicação da prática totalidade dos seus povos trabalhadores no projecto socialista e o respeito às culturas e aos povos indígenas, tenhem sido os traços definitórios das políticas destes estados que caminham face o socialismo, cujas políticas som as mais avançadas do mundo a nível social.

Saudamos também a criação do Capítulo Galiza da Coordenadora Continental Bolivariana (CCB), da Associação Galega de Amizade com a Revolução Bolivariana (AGARB) e da Brigada Galega Fuco Gomes expresso no nosso país da solidariedade internacionalista com a América que luta, a que José Martí, o General Machado e Simon Bolívar defendêrom até a morte.

Especial menção merece a luta revolucionária livrada na selva colombiana, onde as Forças Armadas Revolucionárias da Colombia (FARC) contendem no país umha feroz batalha por defender à classe trabalhadora da monstruosa maquinária do narcoterrorismo uribista e os seus sócios ianques da CIA. Umha saudação revolucionária a tod@s abnegad@s militantes e guerrilheir@s que constituem a ponta de lança na luta contra o capitalismo mundial, e a nossa lembrança mais combativa e lutadora para Marulanda Tirofijo, cuja memória insurgente continua viva no punho fechado da juventude obreira galega.

Recuperar o feminismo de classe: combater o terrorismo machista

Seis mulheres perdêrom a vida na Galiza em 2008 às maos do terrorismo criminal ensaiado polos seus maridos e companheiros, enquanto 3000 denunciárom maus tratos. Em quatro destes casos nom houve denúncia prévia de nengum tipo, o que assinala a existência dum gigantesco colectivo de mulheres sistematicamente torturadas que ficam fora de toda estatística.

A escalofriante impunidade com a que o machismo exerce a sua violência mais extrema contra as mulheres tem no governo do estado espanhol (PSOE) e no autonómico (PSOE-BNG) os seus principais culpáveis e cúmplices políticos. A sua inoperância estrutural nom é dissimulada polo seu disfarce da opção política da igualdade entre géneros unido, e o défice crónico do anémico feminismo burguês das performances, as chocolatadas e o ridículo testemunhalismo reformista; tenhem condenado ao movimento feminista à sua paulatina auto-extinção.

O momento de reagir é agora, o feminismo de classe deve actuar com total contundência contra estes assassinos, e denunciar que as políticas do braçal electrónico ficam mui bem nas roldas de imprensa, mas nom atalham o problema: Umha sociedade patriarcal que nós, as jovens galegas revolucionárias, chamamos a combater e destruir em todas as suas facetas, sejam estas claramente violentas ou socialmente aceites, desde irrenunciáveis posições de classe.

Na Galiza em galego. O bilingüismo é espanholismo

Nos últimos meses temos sido testemunhas da instalação na Galiza dumha renovada extrema-direita que tem aproveitado o abandono da rua por parte do movimento normalizador, para lançar umha inédita campanha contra o galego.

A presença dum autocarro xenófobo que realizou umha gira por vilas e cidade galegas numha agressiva campanha contra o nosso idioma ou os cada vez mais habituais actos de carácter público que estas entidades convocam e apenas é contestada por sectores do independentismo e o do movimento articulado arredor dos Centros Sociais.

Mas agora, o espanholismo pretende dar um passo a frente na sua ofensiva anti-galega. A pretensom de Galicia Bilingüe de realizar umha manifestação o próximo 8 de Fevereiro nas ruas da nossa capital é um verdadeiro desafio. Porque se nom se combate o fascismo avança, é necessário responder esta provocação e tirar dumha vez por todas o espanholismo das nossas ruas.

Saudaçons



Momento da leitura das suadaçons internacionais

Azarug (Canárias)

Desde as Ilhas Canárias enviamos-vos umha aperta a tod@s @s patriotas galeg@s. Desejando-vos que cumprades os objectivos que vos marquedes neste III Congreso. O vosso sucesso também será o nosso.

Continuemos a abrir de par em par novas portas cara a independência e o socialismo nas nossas respectivas naçons.

Muita canha contra Espanha!

CAJEI (Países Cataláns)

Car@s companheiros e companheiras de BRIGA,

Somos conscientes de que durante estes dias teredes estado trabalhando dura e intensamente em debates e reflexons sobre a crise capitalista, a classe trabalhadora galega e o papel da juventude na luta pola alternativa socialista a nível mundial. Alternativa que passa pola independência das nossas naçons, a democracia popular no trabalho e a fim do patriarcado nas nossas sociedades.

Por isso nom queremos prolongar-nos neste comentário.

Somente, aproveitar a ocasião para vos dar um forte abraço revolucionário, significativo de todo o que nos une: a luta juvenil pela independência e o socialismo desde os nossos territórios e contra a ofensiva capitalista mundial.

Hoje é este texto, e esperemos que amanhã seja a nossa presença física. Mas a situação é que cada dia somos mais os e as jovens organizadas em Galiza e os Países Catalans. É por isso que somos mais fortes e mais capazes, também, de estabelecer laços de solidariedade internacionalista entre nós. A cooperação e o trabalho revolucionário em comum faram-nos, sem dúvida, mais fortes.

Em tempos de "crise" é necessário lembrar a velha consigna: "o Povo unido jamais será vencido". Este é o nosso dever, como jovens e como revolucionárias: unir os nossos povos na luta pela independência e o socialismo.

Um forte abraço,
Visca la terra!

Coordenadora Continental Bolivariana

Recebe, irmãs e irmãos de BRIGA, o cáldo alento da Coordenadora Continental Bolivariana. Sabemos da importância do vosso III Congresso, destinado a examinar a crise capitalista mundial, os seus efeitos sobre Galiza, Europa e todo o mundo.

Tempo de crise é certamente tempo de luta. E as grandes crises como a actual precisam grandes respostas desde as juventudes e os Povos do mundo.

Confiamos na vossa capacidade para multiplicar a vossa audácia, para ser cada vez mais intrepíd@s, como o exigem estas peculiares circunstâncias. Confiamos na vossa firmeza na luta pela independência de Galiza, pela libertação das vossas mulheres e pela emancipação social das vossas classes exploradas e sectores oprimidos.

Os desafios são enormes e não temos dúvidas de que vós, como alta expressão combativa da juventude galega, tendes plena consciência disso.

O imperialismo decadente e pentagonizado dá paus a uma e outra banda: em Afeganistão, o Iraque, e Palestina exhibe hoje toda a sua crueldade, filha da desesperação.

O seu sistema está a tremer pela crise mais profunda da sua história e a sua política de guerra global está empantanada. O seu aliado sionista banha-se em sangue heroico do Povo palestino na franja de Gaza e concita o maior descrédito mundial da sua história de genocídios.

A sua estratégia de recolonização neoliberal está a afundir-se ao compás das rebeldias político-sociais destes tempos. E nesse contexto a nossa América está decidida a conquistar a sua segunda independência e avançar hacia a nova democracia e o novo socialismo.

Desde a Pátria Grande de Bolívar e do Che abraçamos-vos, desejando-vos sucesso e recordando-vos que há muito de certo naquela frase de que "quando o céu se torna mais escuro é porque vai amencer mais cedo":

Confiamos em vós e sabemos também que vós confiades neste fermoso projecto bolivariano.

Em Bolívar e n@s heroínas e herois da Galiza nos atopamos tod@s!

Narciso Isa Conde
Presidência colectiva da CCB

A nossa América, 17 de Janeiro de 2009.

MAULETS (Países Cataláns)

Companheir@s de BRIGA!

Como jovens oprimidas e oprimidos polo mesmo Estado e polo mesmo sistema, nom podemos deixar de sentir-nos identificados com a vossa luta nacional, social e contra o patriarcado, eixos de luta que desde os Países Cataláns compartilhamos fortemente.

Desde Maulets, el Jovent Independentista i Revolucionari, queremos aproveitar a celebraçom do vosso III Congresso Nacional para enviar-vos umha forte aperta internacionalista.

Como jovens oprimidas e oprimidos polo mesmo Estado e polo mesmo sistema, nom podemos deixar de sentir-nos identificados com a vossa luta nacional, social e contra o patriarcado, eixos de luta que desde os Países Cataláns compartilhamos fortemente.

Numha etapa histórica onde as bases do capitalismo começam a se abanear, @s jovens revolucionári@s de todo o mundo devemos reagir e mostrar-nos mais unidas e unidos que nunca para oferecer umha resposta contundente e umha alternativa férrea. Numha etapa histórica onde as crises do liberalismo agudizam a exploraçom laboral d@s jovens e precarizam ainda mais as nossas vidas, devemos utilizar a valiosa ferramenta do internacionalismo para fortalecer a nossa luta e poder golpear com força este sistema desde todos os pontos do planeta.

Nom esqueçamos que somos dous povos baixo o mesmo jugo estatal que nos oprime culturalmente, minorizando as nossas línguas, assim como os nossos anseios de decidir como povo. Este estado que responde com "porras" à nossa resistência é o mesmo que julga aos/às jovens cataláns/ás e galeg@s na Audiência Nacional por deixarem bem claro que a sua monarquia nom nos representa e que nom a queremos!

Como jovens revolucionári@s e com consciência nacional, estes som alguns dos problemas que nos afectam e que devemos combater unid@s, cada um no seu fronte geográfico, mas sempre com umha visom global dos problemas. Nom devemos esquecer entom a luta antipatriarcal, inseparável das outras devido a que é umha peça mais do sistema que juntos, a juventude catalá e galega derrubaremos para nom voltar a sentirmos falar de mais mulheres exploradas polo seu género ou de jovens penalizadas por terem exercido o seu direito a decidir sobre o seu próprio corpo.

Deste jeito, desde os Países Cataláns, reafirmamo-nos na nossa solidariedade com o Povo galego e parabenizamos BRIGA por este Congresso de grande importância.

Países Cataláns e Galiza: dous Povos, a mesma luta!

Segi (Euskal Herria)

Gora Herriak!

Que vivam os povos!

Nestes momentos tam difíceis, quando os estados tenhem activados todos os mecanismos de opressom, a organiza SEGI manda um grande saudo revolucionário desde Euskal Herria.

Vemos mui importante que a juventude da Galiza se organice contra o Estado e em favor dos direitos dos povos a poder decidir sobre o nosso futuro. O caminho será largo e duro, somos concientes, mas ainda assim nengum ataque contra a juventude organizada poderá parar as nossas ánsiasde lutar por um país livre e com jovens livres; nem ilegalizaçoms, nem as torturas, nem nengum outro meio repressivo.

É claro que se a juventude está no alvo do poder hegemónico é porque temos capacidade de trocar a sociedade e criar alternativas próprias. Por isso a juventude deve estar organizada, seja na Galiza, Euskal Herria, Países Cataláns, Castela ou Palestina. Devemos responder ao inimigo desde cada naçom, e deixar claro que nom estamos despost@s a parar até que os nossos direitos sejam reconhecidos, ainda que tenhamos que utilizar a força para lográ-lo.

Borroka da bidea!

A luta é o caminho!

Yesca (Castela)

Desde Castela queríamos mandar umhas palavras de apoio à organizaçom juvenil galega revolucionária BRIGA nestas jornadas de formaçom, aprendizagem e decisom.

Nestes tempos nos que se agudizam as contradicçoms do sistema capitalista, nestes tempo nos que querem que de novo a juventude volte pagar as conseqüências dos seus erros, a nós só nos resta lutar. Nom nos resta outra opçom, estamos forçad@s a fazê-lo. Nós somos a chama da esperança, a chama da revoluçom. Somente golpeando os tres piares da opressom que vive o povo trabalhador em todo o mundo, e que nom som outros que o imperialismo, o capitalismo e o patriarcado, a través das luitas de libertaçom nacional, social e sexual, poderemos construir um futuro de liberdade. A única soluçom é medrar mediante a unidade, aprender mediante o internacionalismo activo e tecer redes de luta entre os povos.

Por isso queremos apoiar a vossa actividade, alentar-vos a continuar trabalhando por umha Galiza socialista, polo desenvolvimento de MLNG e por acabar com o fascismo sexista. Que as nossas palavras de solidariedade sejam os vossos anseios de resistência.

Viva Castilla Comunera!

Viva Galiza livre!



Momento das intervençom das organizaçoms nacionais

Por razons de espaço unicamente reproduzimos a saudaçom de duas das organizaçoms que nos acompanharom no nosso II Congresso Nacional. Ademais de a AGIR e Primeira Linha agradecemos também a sua colorosa presença a NÓS-Unidade Popular, Siareir@s Galeg@s, AMI, Isca!, AGAL, Associaçom de Amizade Galego-Cubana Francisco Vilharmil, AGARB, Capítulo Galiza da CCB e o Centro Social Henriqueta Outeiro.

AGIR

Saúdos companheiras e companheiros,

É para AGIR um orgulho poder participar hoje como organizaçom convidada neste acto de clausura, no III Congresso Nacional da organizaçom juvenil da esquerda independentista.

Em nome de todos e de todas as que fazemos parte do estudantado do MLNG, muito obrigado.

Queremos destacar a relevância histórica que a priori, agora podemos acreditá-lo, tem esta assembleia. Primeiro, pola sua dimensom quantitativa graças à participaçom, pola primeira vez em décadas de construçom dumha alternativa nacional e de esquerdas na Galiza, de dúzias de jovens confiados e confiadas num projecto comum.

E em segundo lugar pola sua dimensom qualitativa, graças às aportaçoms teóricas e o debate que durante o dia de hoje se desenvolveu, e o convívio da jornada, nomeadamente na ceia de confraternizaçom que decorrerá deseguido.

Para o estudantado independentista organizado em AGIR supom um pulo generoso o sucesso do projecto irmao de BRIGA, a cujo desenvolvimento temos contribuído até hoje, e comprometemo-nos ao seguir fazendo. É um pulo como entidade do nosso movimento que sodes, mas nem só. Também o é para AGIR sectorialmente, para as jovens e os jovens estudantes da Galiza que adquirimos a experiéncia militante recebida de maos dadas de muitos e muitas das que hoje continuades a vossa trajectória política em BRIGA. Que nos ensinastes e ensinades, que nos arroupastes e arroupades, e que nos transmitides agora a esperança num futuro militante aonde trasladarmos a prática socialista, independentista e antipatriarcal que começamos nas escolas a umha projecçom de maior envergadura: a intervençom social desde a juventude rebelde para enfrentar as problemáticas próprias da mocidade galega de hoje. A estas problemáticas, nós, nem somos alheios e alheias nem indiferentes.

É por isso que, para além das aulas, precisamos da vossa referéncia, precisamos de seguir dia a dia a construçom de BRIGA, umha organizaçom ainda nova onde se

acolhem muitas das nossas demandas e necessidades como sujeitos activos por umha sociedade sem opressões nacionais, de género ou de classe.

4 anos após a fundação em Ferrol, vemo-nos em Compostela com a maior das metas conquistadas: a de alcançardes o indiscutível protagonismo e o importante desafio de levar adiante a maior organização revolucionária de jovens galegas e galegos. Esse reto, a nós, seduze-nos. É por isso que botamos mais combustível ao lume para continuarmos na luta até que, em dous anos, volvamos celebrar um novo e semelhante desafio. Que assim seja.

Adiante com o MLNG!
Viva AGIR e viva BRIGA!

Primeira Linha

Quando há agora mais de cem anos, entre o outono de 1901 e o inverno de 1902, Lenine redigiu o *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*, o texto que define os principais parâmetros e coordenadas do que deve ser umha organização revolucionária de vanguarda e de combate, Vladimir Ilich deixou bem clara a importância decisiva da teoria, desse conhecimento rigoroso da realidade na que se pretende incidir para poder transformá-la.

Quando lim com atenção, quando estudei as teses deste III Congresso, constatei a vossa enorme capacidade de compreensão, de interiorização, da importância da teoria para a construção, desenvolvimento e avanço do movimento revolucionário galego.

Os documentos que hoje acabades de debater e aprovar som a mais palpável mostra da madurez da juventude revolucionária galega enquadrada em BRIGA.

Frente a essas teses que como más fotocópias a preto e branco, sem suficiente *toner*, sempre imprimidas sobre papel húmido, mil vezes repetidas, carentes de rigor e criatividade dialéctica, pragadas de tópicos, fetiches e superstições, a que nos tinham habituados (e continuam) as velhas entidades da juventude independentista, BRIGA apresenta umha análise de enorme qualidade e lucidez sobre a principal tarefa que hoje tem a esquerda independentista galega e o movimento revolucionário a escala mundial: compreender o que está a acontecer diante dos nossos olhos para aproveitar a fundo as condições objectivas e subjectivas que provoca a crise global do capitalismo na morfologia de classes galega, para assim fortalecer a organização revolucionária da classe operária, neste caso da juventude proletária e trabalhadora da Galiza, como condição imprescindível para promover lutas e combates.

Nom há dúvida que vós sodes o futuro imediato do movimento de liberdade nacional galego.

Sodes a genuína escola dos quadros políticos e sociais que devem espalhar a revolta polos centros de trabalho e de ensino.

Mas, para avançar com maior dinamismo e velocidade nesta direcção é imprescindível umha militância bregada nas lutas, forjada a ferro e lume no combate contra as forças de ocupação, contra o patronato, contra o patriarcado e o poder adulto.

Som necessari@s activistas formados ideológica e politicamente. Que emprestem atençom e dediquem tempo ao estudo tal como Marx, Engels, Lenine e o Che nos ensinárom.

Eis alguns dos exemplos a seguir. Nom é fácil. Mas algum dia, nalgumha etapa da história da luta de classes foi fácil ser revolucionári@?

Há algo mais de quatro anos, quando foi necessário dotar a nova esquerda independentista de um referente juvenil de classe, todo tipo de apreciaçoms, na maioria dos casos pouco amigáveis e carinhosas, manifestárom que nom havia espaço para umha nova organizaçom juvenil. Mas a realidade constatou o erro dessas infâmias com clara intencionalidade de intoxicar.

Hoje clausurades o III Congresso. Muitas caras novas ateigam esta sala. Eis a constataçom de que ides, de que vamos por bom caminho.

Mas BRIGA nom é umha organizaçom juvenil comparável com as existentes nesse amplo espaço do soberanismo galego. Nom sodes nem podeades ser homologáveis ao resto de siglas mais ou menos conhecidas.

A independência de classe, a intransigência frente a aparente radicalidade dos vácuos e erráticos discursos e práticas da pequena burguesia, a combatividade frente à comodidade, o derrotismo e a fadiga, som os eixos do vosso, do nosso projecto revolucionário socialista.

Guiad@s com este gps e com a arma secreta da coesom, da disciplina e unidade interna sobre princípios firmes e sólidos que nos ensinou o falecido, mas sempre connosco, camarada Francisco Martins Rodrigues, há neste país milhares de coraçoms e cérebros que ganhar para a Revoluçom Galega.

Traçar umha linha intransigente, inegociável -como todos os princípios- sobre o carácter de classe da nossa luta independentista e socialista, som, junto com umha coerente açom teórico-prática os principais sinais de identidade da nosso movimento.

Enquanto se realiza este acto a resistência palestiniãna combate ferozmente as forças ocupantes nazi-sionistas nas ruas de Gaza, enquanto realizamos este acto político a insurgência colombiana hostiga ao exército do regime narco-terrorista nas selvas e cidades, a resistência iraquiana e afgã livra batalhas contra as forças de ocupaçom ocidentais; nestes momentos milhares de combates contra o imperialismo e o capitalismo se travam nos mais recónditos pontos do planeta.

Nós aqui nesta pátria da imensa humanidade chamada Galiza fazemos nossos todos esses combates pois fazemos parte da mesma barricada contra a exploraçom e a opressom.

O nosso movimento tem diante de si reptos imediatos que deve superar com êxito. No dia 4 de Fevereiro o fascismo espanhol vai julgar a Alex e Santi no seu tribunal de excepçom por exercer a liberdade de expressom de galegos livres; dias despois esse mesmo fascismo provoca-nos nas ruas de Compostela no maior desafio à Naçom dos últimos trinta anos; posteriormente temos umha batalha eleitoral, um congresso sindical...

Ali estaremos, ali nos veremos, pois fazemos parte de um mesmo movimento bem coordenado e sincronizado.

Há exactamente 90 anos e dous dias morria assassinada pola social-democracia, nas ruas de Berlim, Rosa Luxemburgo junto com Karl Liebknecht, num dos episódios mais odiosos e desprezíveis da colaboração do reformismo com a reacção. Naquela altura, quando formulou a disjuntiva de *Socialismo ou Barbárie*, Rosa nom podia imaginar o grau de brutalidade que podia atingir o capitalismo. Nunca na história da humanidade houve tanta dor, injustiça, fome, violência, destruição, como na actualidade.

Chegou a hora de combater sem trégua o colaboracionismo de classes das distintos pelajes do reformismo, o pseudo-pacifismo das ONGs e chiringuitos financiados polo sistema para amortecer e adormecer a revolta, para desviar energias.

Hoje, frente ao que está a acontecer neste país, nom mais alternativa que aprofundar na luta por um Estado galego plenamente soberano de orientação socialista. Frente à dependência espanhola nom há falsas alternativas intermédias. Frente a miséria a que nos condena o neoliberalismo nom há alternativas de capitalismo de rosto humano nem trapalhas desse estilo.

Hoje Gaza necessita armas, nom boas palavras. Hoje Galiza necessita que novas gerações de revolucionárias e revolucionários inculcáveis, desprendidos de complexos atávicos, sem as limitações de anoréxicos adn's.

Som imprescindíveis novas e amplas fornadas de combatentes que empregando a força das ideias e da luta cumpram o papel histórico que a Pátria e a Classe Obreira precisa.

Nom há mais alternativa que Comunismo ou Caos!!

Viva BRIGA!

Viva a Revolução Galega!

Pátria, Socialismo ou morte!

Discurso de encerramento

Companheiras e companheiros:

Os monstros existem.

Nom axexam baixo da cama, nem se agocham nas sombras da escaleira; mas están aqui. Silenciosos, calados, passam desapercibidos nas ruas das nossas cidades, vigiam as portas das ETT,S e INEM, passeiam da mão da policía e do exército, e sorrim com bocas negras sobre os corpos d@s trabalhadoras/es que agoniam no chão após cair do andámo.

O actual modo de produçom que sofremos, o capitalismo; nom pode ser definido doutro modo: É um sistema mostroso, carente da mais mínima humanidade, umha maquinária dumha crueldade sem límites, que nos emprega a nós, a juventude obreira, como combustível barato e prescindível.

Esta máquina desquiciada está a converter o nosso planeta num páramo ermo e desolado, do que a esmagadora maioria da humanidade só pode aguardar sofrimento e morte.

A crise sem precedentes que ameaça com abanar os cimentos do actual régime económico, e só a ponta do icebergue dum sistema caduco que se afunde a si próprio e que tenta perpetuar-se mais umhas décadas a través do imperilismo genocida e a exploraçom da maioria da humanidade.

Este é o inimigo a abater. As suas garras e dentes están presentes aqui, na Galiza do século XXI, e é contra ele que devemos combater e vencer.

Nom tod@s acreditavam há 5 anos que nos encontraríamos hoje aqui para avaliar o último biénio da luta juvenil galega contra o Capital, que seríamos mais e de mais comarcas, que ocuparíamos o espaço que ninguém quixera ocupar: O lugar d@s que nom se rendem malia todas as dificuldades, d@s combatentes convencid@s de que a luta é o único médio que existe para acabar com o monstro. Porque a criatura está ferida de morte, mas segue a ser igual de perigosa e arrebatada vidas com maior eficiência que quando era jovem.

Cada vez que assistimos a umha manifestaçom, que inunfamos paredes com consignas de rebeliom, que nos enfrentamos à injustiza do sistema nos centros de trabalho, no ensino, na casa; estamos arrancando parte das reixas e cadeias com as que cobrêrom o nosso mundo, contribuindo mais um pouco a pôr ao capitalismo espanhol e aos seus sicários contra as cordas, aprofundando na ferida do monstro.

Nessa luta será onde nos encontremos nos próximos dous anos. No combate, nas trincheiras: Lá conquistaremos a vitória.

notas:

notas:

notas:

notas:



Resoluções congressuais